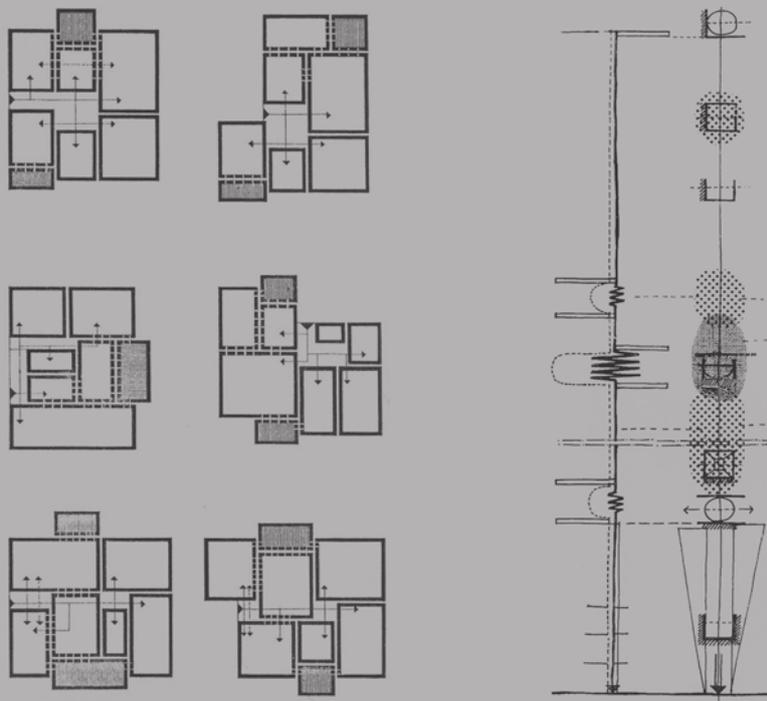


TEORIA E DESENHO DA ARQUITECTURA EM PORTUGAL, 1956-1974:
NUNO PORTAS e PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA

Tiago Lopes Dias



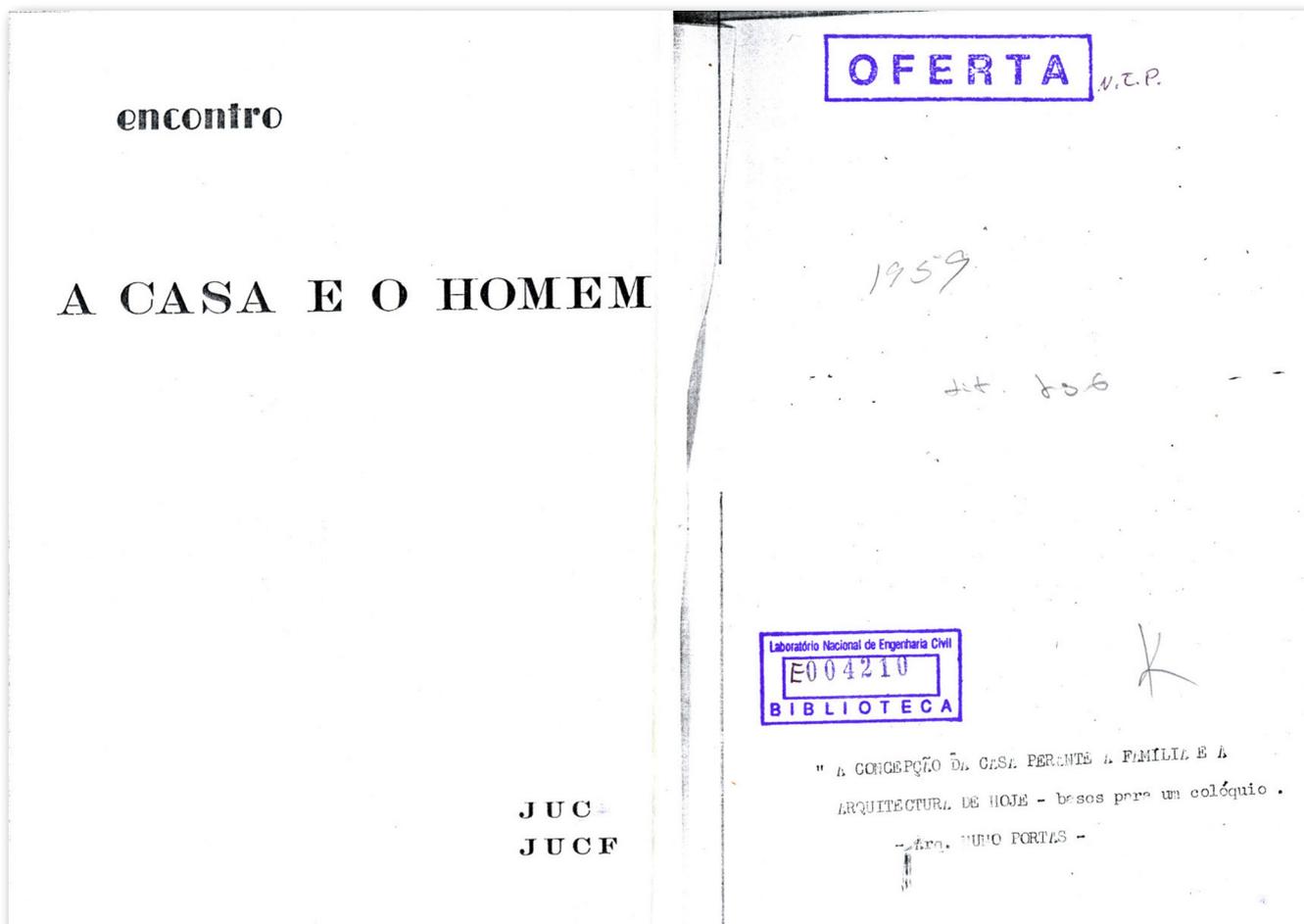
Tese apresentada para obtenção do título de Doutor

Universitat Politècnica de Catalunya

Departamento de Teoría e Historia de la Arquitectura y Técnicas de Comunicación

ANEXO

A organização do seguinte anexo documental tem uma lógica diferente da sequência do texto que constitui o corpo da tese: a primeira secção é constituída por material relativo a colóquios, congressos ou encontros de arquitectos; em seguida, apresentam-se documentos de Nuno Portas (p.397) e de Pedro Vieira de Almeida (p.408) – correspondência pessoal, candidaturas a bolsas, material produzido no contexto de alguma investigação, relatórios de júris, etc. –, e no final documenta-se a forma como a imprensa, especializada ou generalista, destacou algumas obras do atelier da Rua da Alegria e de Pedro Vieira de Almeida (p.418).



248. Página com a inscrição das siglas da Juventude Universitária Católica / Juventude Universitária Católica Feminina onde se pode ler, no canto inferior direito: *A concepção da casa perante a família e a arquitectura de hoje - bases para um colóquio - Arq. Nuno Portas*

249. Colóquio sobre "Aspectos Sociais no Habitat" (Palácio Galveias, Lisboa, 11-14 de Fevereiro de 1960): lista dos 64 painéis expostos no Palácio Galveias, segundo circular do SNA, com obras promovidas pela Federação das Caixas de Previdência - Habitação Económica, Câmara Municipal do Porto, Câmara Municipal de Lisboa / Gabinete Técnico da Habitação, Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral de Serviços de Urbanização, Câmara Municipal de Almada / Gabinete de Estudos de Urbanização

PAINEL Nº. 01
HABITAÇÕES ECONOMICAS
CASA EXPERIMENTAL
Arq^{ts}: B. Costa Cabral,
Vasco Croft e Braula Reis

PAINELIS Nºs. 02, 03 e 04
CONJUNTO HABITACIONAL
LINDA-a-VELHA
Arq^{ts}: F. Pessano Garcia
e Vasco Croft.

PAINEL Nº. 05
HABITAÇÕES ECONOMICAS
POVOA DE SANTA IRIA
Arq^{ts}: N. Teotónio Pereira

PAINEL Nº. 07
BAIRRO PARA OPERÁRIOS
GONDOMAR
Arq^{ts}: Braula Reis e
João José Malato

PAINEL Nº. 06
HABITAÇÕES ECONOMICAS
POVOA DE SANTA IRIA
Arq^{ts}: B. Costa Cabral,
Vasco Croft e Braula Reis

PAINEL Nº. 08
HABITAÇÃO-TIPO
D.G.S.U. - G.E.H.
Arq^{ts}: Rui Borges

PAINEL Nº. 09
HABITAÇÕES PARA SARGENTOS
D.G.S.U. - G.E.H.
Arq^{ts}: Ferreira David

PAINEL Nº. 10
MORADIAS POPULARES
Rua Duque de Saldanha - Porto
Câmara Municipal do Porto.

PAINEL Nº. 11
MORADIAS POPULARES
GRUPO EXPERIMENTAL DE CONDOMINHAS
Câmara Municipal do Porto

PAINEL Nº. 12
MORADIAS POPULARES
GRUPO DO CARVALHIDO
Câmara Municipal do Porto

PAINEL Nº. 27
BLOCOS DE HABITAÇÃO
C.M.L. - Oliveais
Arq^{ts}: Pedro Cid e Fernando Torres

PAINELIS Nºs. 28, 29 e 30
BLOCOS DE HABITAÇÃO
C.M.L. - Oliveais
Arq^{ts}: A. Flix Martins e Cândido Palma

PAINEL Nº. 31
CONJUNTO HABITACIONAL
S. PEDRO DA COVA
Arq^{ts}: Nuno Portas

PAINEL Nº. 32
PLANO PARCIAL Nº. 4 (maquete)
FEIJÓ - C.M.A. - G.E.U.

PAINEL Nº. 33
HABITAÇÕES ECONOMICAS
ABRANTES
Arq^{ts}: D. Castel Branco,
Rui Pimentel e C. Carvalho Dias

PAINELIS Nºs. 34 e 35
HABITAÇÕES ECONOMICAS
VILA DO CONDE
Arq^{ts}: N. Teotónio Pereira e Nuno Portas

PAINEL Nº. 36
HABITAÇÕES ECONOMICAS - Barcelos
Arq^{ts}: Nuno Teotónio Pereira

PAINEL Nº. 37
PLANO PARCIAL Nº. 2 (maquete)
ALMADA
C.M.A. - G.E.U.

PAINEL Nº. 38
HABITAÇÕES ECONOMICAS
MUGE
Arq^{ts}: B. Costa Cabral, Vasco
Croft e Braula Reis.

PAINEL Nº. 39
HABITAÇÕES ECONOMICAS - Tzamazal
Arq^{ts}: B. Costa Cabral, Vasco
Croft e Braula Reis.

PAINEL Nº. 40
HABITAÇÕES ECONOMICAS - Chamusca
Arq^{ts}: B. Costa Cabral, Vasco
Croft e Braula Reis

PAINEL Nº. 13
MORADIAS POPULARES
GRUPO DA PASTELARIA
Câmara Municipal do Porto

PAINEL Nº. 14
CONJUNTO HABITACIONAL A.I.L.
Arq^{ts}: N. Teotónio Pereira e
Bastolowau Costa Cabral.

PAINELIS Nºs. 15, 16 e 17
CONJUNTO HABITACIONAL
AMADORA
Arq^{ts}: Jorge Viana

PAINEL Nº. 18
CASAS EM PATEO
Arq^{ts}: Alzina de Menezes

PAINEL Nº. 19
HABITAÇÕES PARA SARGENTOS - Tancos.
Arq^{ts}: Alvaro Putersen e João Paulo Graça

PAINEL Nº. 20
CASAS PARA BEBES - M.O.P.
Arq^{ts}: Rui Borges

PAINELIS Nºs. 21 e 22
HABITAÇÕES SEMINADAS PARA POBRES
S. JORDÃO DAS LAMPAS - Parede
Arq^{ts}: José Mala Santos

PAINEL Nº. 23
CASA PARA POBRES
Arq^{ts}: Luiz Cunha

PAINEL Nº. 24
BLOCOS DE HABITAÇÃO
C.M.L. - Oliveais
Arq^{ts}: Braula Reis e João Motoso

PAINEL Nº. 25
EDIFÍCIOS EM BANDA
C.M.L. - Oliveais
Arq^{ts}: N. Teotónio Pereira,
António Freitas e Nuno Portas.

PAINEL Nº. 26
EDIFÍCIOS EM TORRE
C.M.L. - Oliveais
Arq^{ts}: N. Teotónio Pereira,
António Freitas e Nuno Portas.

PAINEL Nº. 41
HABITAÇÕES ECONOMICAS - Chamusca
Arq^{ts}: Costa Cabral, V. Croft e B. Reis

PAINEL Nº. 42
CONJUNTO DE HABITAÇÕES - Ulme
Arq^{ts}: António Freitas

PAINEL Nº. 43
CASA PARA POBRES - Sintra
Arq^{ts}: Leopoldo Leal

MAQUETE Nº. 44
PLANO PARCIAL Nº. 6 - Larangeiro
C.M.A. - G.E.U.

PAINELIS Nºs. 45, 46, 47, 48 e 49
CASAS ECONOMICAS - Viseu
Arq^{ts}: João Andressen

PAINELIS Nºs. 50 e 51
CASAS DE RENDA ECONOMICA - V.N. de Gaia
Arq^{ts}: João Andressen

PAINEL Nº. 52
CASAS DE RENDA ECONOMICA - Bragança
Arq^{ts}: João Andressen

PAINEL Nº. 53
PLANO PARCIAL Nº. 5 - Monte da Caparica
C.M.A. - G.E.U.

PAINEL Nº. 54
PLANO PARCIAL Nº. 3 - Quinta da Alegria
C.M.A. - G.E.U.

PAINELIS Nºs. 55, 56, 57, 58 e 60
HABITAÇÕES-Tipos -
D.G.S.U. - G.E.H.
Arq^{ts}: Rui Borges

PAINEL Nº. 59
HABITAÇÕES PARA PRAÇAS
D.G.S.U. - G.E.H.
Arq^{ts}: Rui Borges

PAINELIS Nºs. 61, 62 e 63
PLANOS PILOTO -
D.G.S.U. - G.E.H.

PAINEL Nº. 64
CASAS DE RENDA ECONOMICA - Viana do Castelo
Arq^{ts}: João Esteves, Pedro Cide e Celestino
de Castro

I - ESTUDOS SOCIOLÓGICOS

Dado que uma adequada política de habitação só pode ser devidamente fundamentada através da análise das necessidades reais dos grupos humanos, particularmente da família, e que essa análise só pode ser feita através da utilização de métodos científicos apoiados nas ciências humanas, nomeadamente na sociologia, tem-se por indispensável e urgente o início desses estudos em Portugal. Para tal efeito é necessária a criação de equipas constituídas por elementos de formação adequada e devidamente especializada, cuja preparação se deverá fazer imediatamente com vista à criação de um centro de investigação no nosso País.

II - NÍVEL SATISFATÓRIO DE HABITABILIDADE E EVOLUÇÃO SOCIAL

Razões de ordem financeira e outras não poderão justificar que sejam construídas habitações com programas deficientes, não tendo em devida conta as necessidades essenciais e evolutivas dos aglomerados familiares que as vão habitar. É neste campo que as ciências humanas dão a sua imprescindível contribuição, estabelecendo, com base no conhecimento dos quadros sociológicos actuais e do estágio de evolução da sociedade considerada, as bases que deverão orientar o planeamento do habitat.

Não é, portanto, de admitir em caso algum que os programas ou as áreas atribuídas estejam abaixo do considerado como nível crítico de habitabilidade, a partir do qual, como a experiência amplamente o documenta, a saúde física e mental dos indivíduos corre grave risco. Considera-se muito importante destacar este aspecto, que tem sido entre nós pouco considerado, e insistir na responsabilidade social que dele se infere.

III - REALIZAÇÃO DOS COMPLEMENTOS DA HABITAÇÃO

Torna-se igualmente necessário que todos os complementos da habitação e o equipamento colectivo das unidades residenciais sejam programados de acordo com as exigências da vida actual e que sejam tomadas medidas para que a sua execução -pelo menos dos essenciais- seja feita simultaneamente com as primeiras habitações.

IV - INTEGRAÇÃO DAS UNIDADES RESIDENCIAIS NOS CONJUNTOS URBANOS

É muito importante que a criação das novas unidades de habitação, ou a remodelação de existentes, seja feita de acordo com os interesses mais vastos do conjunto urbano em que se inserem e que a sua concepção e meios de realização sejam apoiados no conhecimento tão completo quanto possível dos factores gerais que os devem estruturar.

V - REALIZAÇÃO DE ESTUDOS DO HABITAT NO ÂMBITO DA CLASSE

Em face do interesse que os problemas do habitat têm para a classe, consider-se necessária a criação de uma secção permanente de estudo, assim como a realização periódica de colóquios para análise e debate destes assuntos, o que contribuirá para a formação e unidade dos arquitectos.

MARÇO DE 1960

250. Colóquio sobre "Aspectos Sociais no Habitat" (Palácio Galveias, Lisboa, 11-14 de Fevereiro de 1960): conclusões que o SNA ratifica com «um voto de que sejam concretizadas as aspirações nelas expressas, como condição necessária ao bom desempenho da nossa função na sociedade»

COLÓQUIO DE PRODUTIVIDADE NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

6 a 11 de Abril de 1964

Avenida do Brasil — Lisboa 5

6

10 h. — Distribuição de documentação.

10 h. — Abertura do colóquio.

1.ª SESSÃO

- História e filosofia das acções de produtividade na construção, em França, de 1954 a 1963 — Ch. Kolb, Secretário-Geral da INTERAPRO.
- Aspectos do desenvolvimento da indústria de construção em Portugal — Nelson Montes e Vaz Pinto, do INII.

15 h. — 2.ª SESSÃO

- Organização colectiva dos estaleiros — Ch. Kolb e M. Muller, da INTERAPRO.
- Planificação e produtividade na construção de habitações — Ruy José Gomes e Nuno Portas, do LNEC.

7

5 h. — 3.ª SESSÃO

- Gestão dinâmica das empresas de construção — André Gillonnier, Director da OPP.
- Necessidade de uma fórmula de revisão de preços na indústria da construção civil e obras públicas — J. Antero Ferreira, Industrial.

15 h. — 4.ª SESSÃO

- Organização dos programas de construção tendo em vista o desenvolvimento dos métodos e meios industriais na construção de edifícios. Apresentação de um caso concreto — Ch. Kolb e M. Muller, da INTERAPRO.
- Uma opinião sobre a organização de uma empresa de construção proporcionada aos nossos mercados — Filipe Palet, da TECHNICAL.

DIA 8

9.15 h. — 5.ª SESSÃO

- Determinação de custos e seu controle adaptados à construção civil. Comparação com os dados fornecidos pela contabilidade — Fernando Ferreira Duarte Silva, da EMPEC.
- Plano contabilístico para as indústrias de construção — Boris Bruzs, da INGECO-COMBERT PORTUGUESA, LDA.

Tarde livre

DIA 9

9.15 h. — 6.ª SESSÃO

- Seleção, orientação e adaptação dos operários da construção civil: — aptidões; formação; segurança no trabalho. (A análise incide sobre o exame de 2000 operários da construção, em França) — Yann Thireau, da CORT.
- Racionalização das cofragens — Jorge Araújo, da NORMA.

14.45 h. — 7.ª SESSÃO

- A organização nas empresas de construção — Carlos Chaby, da CGDCP.
- Índices e comparações de produtividade na indústria da construção — Torres Campos e Guerra da Silva, do INII.

DIA 10

9.15 h. — 8.ª SESSÃO

- Considerações sobre a pré-fabricação em Portugal — Lourenço Antunes, da Empresa de Cimentos de Leiria.
- O Planning como meio de coordenação nos trabalhos de construção — Roger Pellet, do CEO.

14.45 h. — 9.ª SESSÃO

- Considerações sobre a utilização da pré-fabricação com elementos cerâmicos — Jacques Charrière, da FFTBF.

Visita ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil

- Leitura das conclusões.

20.30 h. — Jantar de encerramento do Colóquio.

Serão passados filmes após algumas das comunicações



251. 252. 1.º Colóquio de Produtividade na Indústria da Construção (Lisboa, LNEC, 6-11 de Abril de 1964): programa dos cinco primeiros dias de colóquio, com a apresentação de Ruy José Gomes e Nuno Portas na 2.ª sessão, e livro de actas

COLLOQUE DE L'HABITAT U.I.A.

PROGRAMME

28 juin : — Arrivée à Bucarest
 3^e Hébergement à l'hôtel
 Enregistrement au Secretariat du Colloque
 21,00 — Rencontre des participants avec les représentants de la Direction de la Section roumaine de l'U.I.A. (à la Maison de l'Architecte)

29 juin :
 4^e 9,30—13,30 — Visite de la ville de Bucarest (en autocar)
 16,30—18,00 — Séance de travail de la Commission de l'habitat de l'U.I.A.
 18,30—20,00 — Séance d'ouverture du Colloque

30 juin :
 5^e 9,30—13,30 — Première séance de travail (Conférencier : **P. Chombart de Lauwe** Communications et discussions)
 17,00—19,00 — Deuxième séance de travail (Conférencier : **A. Turin** Communications et discussions)

1. juillet :
 6^e 9,30—11,00 — Troisième séance de travail (Conférencier : **Nuno Portas** Communications et discussions)
 11,30—14,00 — Visite du Musée du Village (en autocar).
 17,30—20,00 — Quatrième séance de travail (Conférencier : **Marcel Locar** Communications et discussions)

2 juillet :
 7^e 6,30 — Petit déjeuner
 7,15 — Départ à l'aéroport de Băneasa-Bucarest
 8,00 — Départ en avion vers le littoral
 8,30 — Arrivée à l'aéroport de Constantza
 8,45—10,45 — Visite de Mamaia (en autocar)

10,45—14,15 — Visite du site archeologique d'Histria (en autocar)
 14,15 — Hébergement à Mamaia
 15,00 — Déjeuner à Mamaia
 18,00—20,00 — Visite de la ville de Constantza (en autocar)
 20,30 — Dîner à Mamaia

3 juillet :
 8^e 8,00 — Petit déjeuner
 8,30—14,00 — Visite des stations Eforie et Mangalia (l'ancienne Callatis) — (en autocar)
 14,30 — Déjeuner à Mamaia
 Après-midi libre
 18,00 — Départ à l'aéroport de Constantza
 19,30 — Arrivée à l'aéroport Băneasa-Bucarest
 20,00 — Arrivée à l'hôtel

4 juillet :
 2^e 10,00—13,30 — Cinquième séance de travail (Conférencier : **G. A. Atkinson** Communications et discussions)
 17,00—19,00 — Sixième séance de travail (Conclusions)
 Clôture du Colloque
 19,30—20,30 — Présentation de films roumains d'architecture (à la Maison de l'Architecte)

5 juillet :
 3^e 9,00—11,00 — Séance de travail de la Commission de l'Habitat de l'U.I.A.
 11,30—13,30 — Visite de l'ensemble historique de Mogosoia (en autocar)
 20,30 — Dîner de clôture

Les séances de travail auront lieu à la Maison de l'Architecte
 9, rue Episcopiei.

253. Colloque de l'Habitat - Union Internationale des Architectes (Bucarest, 28 de Junho - 5 de Julho de 1966): programa do congresso, com a apresentação de Nuno Portas na 3ª sessão de trabalho

Querido amigo:

En el último Pequeño Congreso celebrado en Segovia se decidió que el siguiente fuese organizado por el grupo de Cataluña.

Los que formamos la Comisión hemos establecido en principio, el siguiente programa:

TEMA: La agrupación de la vivienda: Estudio del territorio de frontera entre Urbanismo y Arquitectura.

TIEMPO DE CELEBRACION: Los días 4, 5, 6 y 7 de mayo de 1967.

LUGAR: Hotel Imperial Tarraco. Tarragona.

PROGRAMA: El congreso constará de:

- 1º. Una conferencia introductoria por parte del Arquitecto italiano Aldo Rossi.
- 2º. Explicación y discusión de proyectos relacionados con el tema; en total serán 5 proyectos (2 de la zona Madrid, 2 de la zona Cataluña y 1 de la zona del Norte).
- 3º. Una sesión de clausura.

Además de los asistentes españoles, se ha invitado a 2 arquitectos italianos y 2 portugueses.

NOTAS:

Es importantísimo que contesteis esta convocatoria antes del 20 de abril, para poder dar el número de plazas al hotel de Tarragona. No podemos responsabilizarnos del alojamiento de los que no hayan contestado antes de la fecha señalada.

De acuerdo con las posibilidades económicas de cada uno, se podrán pedir tres tipos de dormitorios:

Dormitorio individual	450,- ptas.
" 2 camas	560,- "
" 3 camas	710,- "

(Indicar esta posibilidad en vuestra contestación)

Media pensión (desayuno + comida)	250,- ptas.
Pensión completa (desayuno + 2 comidas)	380,- "

El lugar de la reunión del día 4 será el mismo Hotel Imperial Tarraco a la hora de comer.

Como previsión económica se recogerán el primer día 1.500,- ptas. por persona.

Vuestra confirmación de asistencia al Congreso dirigirla por escrito a: Federico Correa - Plaza San Jaime, nº 2, pral. - Barna.2 (t. 221 98 57)

254. 8º Pequeno Congresso (Tarragona, Espanha, 4-7 de Maio de 1967): programa com detalhes do alojamento, enviado por Oriol Bohigas a Nuno Portas. Bohigas pedia a Portas para estender o convite a Eduardo Anahory, que tinha obra publicada na *Domus*, uma das publicações de referência do grupo catalão graças à sua proximidade com o director Gio Ponti (Anahory recusaria o convite por se encontrar entre viagens, resposta também documentada no arquivo de Bohigas)

8º PEQUEÑO CONGRESO. PORTUGAL

1. Tema.- Zonas residenciales: Territorio común a Arquitectura Urbanística.-

2. Materia para discusión: Proyectos Portugueses recientes.

- 2.1. OLIVAIS 1ª zona de expansión de Lisboa (realizado)
- 2.2. CHELAS 2ª zona de expansión de Lisboa (proyecto)
- 2.3. LUSO 3ª agrupamiento de viviendas en Porto (realizado)
- 2.4. AVEIRO 4ª remodelación de una zona central (proyecto).

3. Conferencias complementarias previstas.-

3.1. P.S. Leslie Martin: Sistema Urbano y forma de la edificación.

3.2. P. Giancarlo de Carlo: Metodología y trabajo interdisciplinar.

M. Ribas Piera: Relaciones entre la arquitectura y el urbanismo

4. Programa previsto:

Diciembre	Día			
	7	tarde	visita a Lisboa incluyendo a OLIVAIS	
		noche	libre	
	8	mañana	desplazamiento a la ciudad de TOMAR	
		tarde	1ª sesión de discusión	
		noche	1ª conferencia	
	9	mañana	2ª sesión de discusión	
		tarde	3ª sesión de discusión	
		noche	2ª conferencia	
	10	mañana	desplazamiento al Norte (Porto)	
		noche	sesión final en TOMAR	
	11	mañana	vuelta a Lisboa	

5. Localidad del encuentro

Hotel Los Templarios (1ª A) Ciudad de TOMAR (120 Km. de Lisboa)

255. Pequeno Congresso em Portugal (Tomar, 7-11 de Dezembro de 1967), por erro referido como o oitavo: programa em espanhol com projectos apresentados a discussão, visitas e conferências (Giancarlo de Carlo seria substituído por Manuel Ribas Piera)

ASSISTENTS AL PETIT CONGRES DE VITORIA

RAIMON TORRES TORRES
 JAUME SANMARTI
 JOAN BONELLS
 CARLES ESCUDE
 JOAN ANTONI PADROS
 JAUME SOLER
 ESTEBAN MACH
 PERE PAYES NADAL
 MANEL RIBAS PIERA
 MIQUEL ALVAREZ TRINCADO
 XAVIER SAUQUET
 MUNTANOLA
 JULI ESTEBAN
 LLUIS TARRAGO
 FERRAN PUENTE
 ANTONI FONT
 LLUIS NADAL
 PERE JIGDEFABREGAS
 JAUME MORA
 ENRIC STEEGMAN
 RAMON FUIG
 LLUIS DOMENECH
 LAUREA SABATER
 JOSEP M^a ESQUIUS
 JOSEP ANTONI PIZARRO
 ALFONS SOLDEVILA
 RAMON ARTIGAS CODO
 LLUIS CANTALLOPS
 FRANCESC ESCUDERO
 ELIAS TORRES
 PERE CASAJOANA
 MARSAL GIRO
 RIUS
 LLUIS ULACIA
 JOSEP M^a MARTORELL
 ORIOL BOHIGAS
 DAVID MACKAY
 MANEL ANGLADA
 JAUME FREIXA
 JOAN ANONI BALLESTEROS
 JOAN CARLES CARDENAL
 OSCAR TUSQUETS
 FREDERIC CORREA
 FRANCESC DE LA GUARDIA
 PERE LLIMONA
 JOAQUIM GILI
 JULI SCHMID
 JOSEP BONET
 LLUIS CLOTET
 LLUIS BRAU
 CARLES TELXIDOR
 PAU M^a MONGUIO
 ENRIC GARCES
 FRANCESC VAYREDA
 BRACONS
 COROMINAS

JOSEP ALEMANY
 XAVIER SUST
 NORMAN CINNAMOND
 PERE ESPINOSA
 MANEL TORRES
 MANEL BRULLET
 FREIXA

IX P.P.C.C. EN VITORIA " LENGUAJE Y TECNOLOGIA "

Lugar de reunión : Hotel Canciller Ayala. C/ Ramón y Cajal 6. Vitoria.

Planteo económico : Pensión diaria completa con hab. doble 500 Ptas. por persona
 " " " " " sencilla 600 "

Cuota de congreso para gastos generales : aprox. 1.500,- Ptas.

Fechas : 11, 12 y 13 de Octubre 1.968.

Programa :

Viernes 11	11 h.	Sesión de apertura sobre método y temas del P.C. (Peña, Correa, Gregotti, Eisenman).
	2 h.	Almuerzo en el hotel.
	4,30-8,30	Exposición y discusión de "Grupo de apartamentos en Benicassim" (Martorell, Bohigas, Mackay). Ponente: F. Correa Moderador: Carlos de Miguel
	9 h.	Cena en el hotel.
Sábado 12	10,30 h.	Conferencia de V. Gregotti.
	9,30-1,30	Exposición y discusión de "Pabellón del golf de Ulzama" y "Casa de la cultura de Olazagutia" en Navarra (Guibert y Redón). Ponente: Cuadrás Salcedo. Moderador: J. Erbina.
	2 h.	Almuerzo en el hotel.
	4,30-8,30	Exposición y discusión de la obra reciente de Siza Vieira. Ponente: N. Portas. Moderador: (un arq. de Barcelona)
Domingo 13	9 h.	Cena en el hotel.
	10,30 h.	Conferencia de P. Eisenman.
	9,30-1,30	Exposición y discusión de "Fabrica en Zaragoza" (R. Moneo) Ponente: A. Fernandez Alba Moderador: Li. Domenech
	2h.	Almuerzo en un restaurante. Votación de los nuevos comités y planteo del próximo P.C.

256. 257. Pequeno Congresso em Vitoria (11-13 de Outubro de 1968): programa com projectos apresentados a discussão e conferências; lista dos participantes catalães

BEATRIZ DE MOURA Avda. Hospital Militar 52 3º 1ª BARCELONA 6

Memio d'Arquitects a Madrid

25 Enero 1970

Sr. Don
Oriol Bohigas
Calvet 71 8º
CIUDAD 6

Querido amigo,

Con el fin de no dejar morir los acuerdos a que se llegaron durante la reunión que siguió al Pequeño Congreso en casa de Oriol Bohigas, el Studio Per (Bonet, Cirici, Clotet, Tusquets) se reunió, como se había convenido, hace poco para formular una propuesta de trabajo en un encuentro reducido de arquitectos de Barcelona, Madrid, San Sebastián, Portugal y Milán.

Se trataría de hablar durante este encuentro de la experiencia concreta del trabajo personal del arquitecto, de las posibilidades que cada uno ha descubierto en la utilización del lenguaje arquitectónico con relación al favorecimiento de un cambio en el orden de los valores establecidos. Parece pues muy importante, dado que el tema de la incidencia de las aportaciones culturales sobre los factores económicos, políticos y sociales está teóricamente muy poco desarrollado, partir de unas concretas experiencias para entrever, en lo posible, caminos de síntesis más generales. En este aspecto, la discusión del tema a partir de trabajos profesionales, que vayan desde el diseño de objetos hasta el diseño urbano, nos parece lo más operativo.

Por otra parte, ponemos un énfasis especial en que el análisis de las posibilidades de favorecer un cambio se limiten al lenguaje arquitectónico, precisamente porque es donde difícilmente se ven esas posibilidades. Es decir, la denuncia que puede hacerse de las irracionalidades que el sistema político impone al urbanismo y a la arquitectura (utilizando medios de comunicación como publicaciones, conferencias, contactos personales, etc.) no entrarían en el tema de estas reuniones.

En principio, disponemos del siguiente material:

- Experiencia personal de Luis Peña en el País Vasco
- Las posibilidades que ofrecen los concursos para la Administración, tema que desarrollará Sáenz de Oiza y otros arquitectos de Madrid
- Arquitectura y diseño producidos recientemente en Cataluña, explicados por Luis Clotet
- Experiencia reciente en Italia de Vittorio Gregotti y otros arquitectos jóvenes de Milán

-2-

- Recientes estudios sobre prisiones realizados por Nuno Portas para la Administración portuguesa
- Intentos de planificación urbana en el area catalana explicados por Solans y Solá-Morales

La fecha que sugerimos es la del fin de semana que va desde el 1º al 3 de Mayo 1970. El lugar queda aún por decidir, pero, tal como se propuso durante la reunión en casa de Bohigas, podría ser en los alrededores de Madrid.

Adjunto enviamos la lista de los posibles participantes.

Desearíamos que nos contestaras dando tu aprobación o dando sugerencias por si tienes algo que objetar. Es importante saber si estás de acuerdo o no y si piensas participar en el encuentro. Podéis escribirme o llamarme, de ser posible, antes del día 13 de febrero, fecha en que habrá otra reunión del Studio Per para concretar el material, el lugar, la asistencia, etc.

En espera de tus noticias, te saluda cordialmente,

M. Moura
Beatriz de Moura

LISTA DE PARTICIPANTES

Madrid

Rafael Moneo
Francisco Javier Sáenz de Oiza
Antonio Vázquez de Castro
Ramón Vázquez Molezún
José Antonio Corrales
Antonio Fernández Alba
Fernando Higuera

PORTUGAL - ITALIA

Nuno Portas
Joao ?
Vittorio Gregotti
Otro arquitecto milanés

San Sebastián

Luis Peña

Barcelona

Oriol Bohigas
José Mª Martorell
David Mackay
Federico Correa
Luis Cantallops
Luis Domènech
Ramón Mª Puig
Laureano Sabater
Cristián Cirici
Oscar Tusquets
Luis Clotet
José Bonet
Ricardo Bofill
Xavier Sust
Manuel de Solá-Morales
Pedro Riera
Juan Antonio Solans

258. Carta de Beatriz de Moura a Oriol Bohigas explicando as intenções para o Pequeno Congresso em La Garriga (1-3 de Maio de 1970), com temas a expôr e lista de participantes

COLOQUIO SOBRE POLÍTICA DA HABITAÇÃO

O Ministério das Obras Públicas vai promover um Colóquio sobre Política da Habitação, com o qual se procura, através do debate aberto da questão, obter sugestões para a resolução, de forma intensiva e coordenada ao nível nacional, do problema da carência de habitações.

Pretende-se que todas as entidades com experiência e opinião participem neste debate, colaborando para o tornar objectivo e, como tal, orientador das directivas de acção a estatuir.

Está preparado um texto de base onde se enfocam as generalidades dos principais aspectos do problema: enquadramento da habitação no desenvolvimento económico e social e no planeamento físico, formulas de financiamento e de execução; orgânica coordenada da acção do sector público.

Grupos de discussão, constituídos de modo a integrem os pontos de vista das diversas especializações concorrentes para o tratamento de cada tema, desenvolverão os aspectos focados procurando concretizar conclusões.

Os debates generalizados, a estabelecer após as discussões em grupo, permitirão o comentário e esclarecimento destas discussões e a introdução da eventual correcção das conclusões propostas.

O problema da habitação para todos, tem escala mundial e premência que o futuro ainda agravará. Aqui, tem de ser resolvido para Portugal, com todos os meios de que possamos dispôr mas harmonicamente com o desenvolvimento global do país. A grandeza e enorme importância do assunto implicam ter-se por assente que os participantes neste Colóquio lhe virão trazer o melhor da contribuição que possam dar.

TEMAS E GRUPOS DE DISCUSSÃO

1º dia — Segunda-feira, 30 de Junho

ENQUADRAMENTO DA HABITAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

A Habitação como investimento social e sector produtivo no quadro das prioridades do planeamento económico global.
As necessidades de Habitação e os recursos disponíveis:
— estratégia territorial: prioridades regionais e urbanas;
— estratégia social, níveis de solvabilidade e definição de prioridades.

GRUPO DE DISCUSSÃO

Coordenador — Eng. Ruy José Gomes

Participantes:

Dr. M. Antunes Branco
Arq. D. Castel - Branco
Dr. Miguel Caetano
Eng. A. Celestino da Costa
Eng. C. Correia Gago
Dr. João de Moura
Dr. R. Silva Pereira
Dr.ª M. Manuela Silva

2º dia — Terça-feira, 1 de Julho

INTEGRAÇÃO DA HABITAÇÃO NO PLANEAMENTO FÍSICO

A disponibilidade do solo, chave de um desenvolvimento integrado.
As medidas de carácter jurídico e fiscal de uma política de terrenos.
A necessidade de coordenação da Habitação com o Equipamento.

GRUPO DE DISCUSSÃO

Coordenador — Eng. A. Celestino da Costa

Participantes:

Arq. J. Rafael Botelho
Arq. Mário Bruxelles
Eng. J. Prostes da Fonseca
Eng. L. Guimarães Lobato
Prof. Eng. M. Costa Lobo
Arq. Vasco Lobo
Arq. Cândia Martins
Dr. Rui Pestana

3º dia — Quarta-feira, 2 de Julho

FINANCIAMENTO E EXECUÇÃO DA HABITAÇÃO

Os recursos e modalidades de financiamento.
Os intervenientes na execução: Sector privado; Sector cooperativo; Auto-construção; Sector semi-público; Sector público.

GRUPO DE DISCUSSÃO

Coordenador — Arq. J. M. Alves de Sousa

Participantes:

Arq. J. Reis Alvaro
Eng. Carlos António

CGOP Dr. J. Ferreira da Costa
Eng. A. Valadas Fernandes
Eng. Nelson Montes
Arq. N. Teotónio Pereira
Dr. Alberto Ramalheira
Eng. Gastão Ricou
Dr. C. Guerra dos Santos

4º dia — Quinta-feira, 3 de Julho

ESTRUTURA ORGÂNICA DO SECTOR PÚBLICO NO DOMÍNIO DA HABITAÇÃO

Os esquemas de acção:
— ao nível do planeamento e coordenação gerais;
— ao nível executivo das Administrações Central e Local.
A intervenção do Ministério das Obras Públicas.

GRUPO DE DISCUSSÃO

Coordenador — Eng. J. M. Ferreira da Cunha

Participantes:

Dr. C. Maia Alves
Arq. A. Mata Antunes
Eng. Mário de Azevedo
Eng. R. Santos Costa
Dr. A. Gonçalves Lourenço
Eng. Jorge Mesquita
Dr. Casimiro Pires
Arq. Nuno Portas
Eng. Tomaz Ritto
Eng. L. Noronha e Távora

5º dia — Sexta-feira, 4 de Julho

PROPOSTA E DISCUSSÃO DE CONCLUSÕES

GRUPO DE DISCUSSÃO

— Constituído com os membros das Comissões relatora e organizadora do Colóquio.

Coordenador — Arq. Ignácio Peres Fernandes

Participantes:

Eng. A. Celestino da Costa
Eng. J. M. Ferreira da Cunha
Eng. Ruy José Gomes
Eng. Nelson Montes
Arq. Nuno Portas
Eng. Tomaz Ritto
Arq. J. M. Alves de Sousa

6º dia — Sábado, 5 de Julho

SESSÃO DE ENCERRAMENTO
APRESENTAÇÃO DAS CONCLUSÕES DO COLOQUIO

259. 260. Colóquio sobre Política da Habitação (LNEC, 30 de Junho - 5 de Julho de 1969): programa com temas e grupos de discussão, com participação de Nuno Portas no debate sobre a "Estrutura orgânica do sector público no domínio da habitação"; um dos três volumes publicados pelo MOP, juntamente com o *Texto base* e o *Relato final*





Arq. José Pacheco

ENCONTRO NACIONAL DE ARQUITECTOS

«Pretende-se um debate informal»

— declarou-nos o arq.º José Pacheco

— O Encontro Nacional de Arquitectos é uma forma de arranque para todo um processo que se estenderá quase permanentemente — disse-nos o arquitecto José Pacheco, um dos organizadores daquela reunião. — Pretende-se iniciar uma vaga de participação. Pretendemos evitar uma formalização da discussão. E mesmo nossa preocupação tornar possível um debate informal e até desorganizado, no bom sentido do

termo. Não haverá propriamente teses. Em qualquer dos casos é recomendada a apresentação de comunicações escritas, de iniciativa de grupos ou individuais, podendo ou não inscrever-se no âmbito dos temas já propostos, conquanto tenham em conta a problemática geral do Encontro.

— Será difícil criar uma barreira nítida entre as questões técnicas e as ou-

tras. Ora não queremos, de forma alguma, que se caia numa discussão de carácter tecnicista.

A preparação das sessões prossegue em ritmo vivo. A última reunião alargada, por exemplo, caracterizou-se por grande participação dos presentes. Entretanto os contactos com várias cidades continuam: no Porto, em Aveiro, Leiria e Coimbra, têm sido contactados arquitectos.

— Este Encontro procurará atenuar o desfasamento que actualmente se verifica entre o arquitecto e a soci-

— afirma José Pacheco.

Considerando o volume e extensão dos problemas conhecidos, a sua perspectiva de abordagem e os temas já em proposta, têm-se formulado interrogações quanto à dificuldade de os concentrar apenas em três dias de reflexão e discussão. A Comissão Preparatória do Encontro entende porém que só por si essa dificuldade é a primeira garantia do prosseguimento da reunião para além desses dias e que o seu principal objectivo está na atitude de romper o silêncio e de iniciar em plenário uma discussão que deverá vir a instalar-se no quotidiano do arquitecto e do País.

O ENCONTRO NACIONAL DE ARQUITECTOS ENVOLVE A PARTICIPAÇÃO ACTIVA DA CLASSE

— disse-nos o arq.º Nuno Teotónio Pereira

Conforme ontem noticiámos, vai decorrer nos próximos dias 6, 7 e 8 de Dezembro um Encontro Nacional de Arquitectos. Os objectivos desse encontro consistem na análise e debate das estruturas socio-económicas que condicionam a actividade profissional com vista a uma tomada de confiança do papel do arquitecto na sociedade portuguesa actual. Serão, ainda, estudadas as formas de intervenção

procura fazer mais um colóquio em torre de marfim, mas sim estender a toda a classe uma participação desejável e necessária nesta tomada de consciência, sem a qual não poderá haver uma intervenção esclarecida e verdadeiramente profissional da nossa parte. Entende-se, portanto, que este encontro não seja uma meta sem continuidade dentro do pro-

to possível, o interesse e a participação no Encontro, inclusivamente com o concurso de outras profissões. Este grupo ficou constituído por N. Teotónio Pereira, Carlo Roxo, Francisco Silva Dias, Rodrigo, J. St. Maurice, Justino Novais, Luis Rosa, Pedro Botelho e Manuel Raposo.

O Grupo 2 — De secretariado, encarregado de reunir todo o trabalho pela classe. Este grupo ficou constituído por Manuel Vicente, José Pacheco, Carlos Oliveira Ramos, Fernando Torres, Leal da Costa, Manuel Amado e Cândia Martins.

O Grupo 3 — Que se ocupa dos problemas de adminis-

tração: preparação do encontro, reunião e administração de fundos. Este grupo ficou constituído por Leopoldo de Almeida, Manuel Moreira e M. do Carmo Ribeiro de M.

O arq.º Nuno Teotónio Pereira disse-nos a propósito do Encontro: — Interessa acentuar que o Encontro não é um conjunto de lições, mas envia a participação activa da classe. O Encontro não pretende, porém, limitar-se ao âmbito dos arquitectos, inserir-se no nível nacional. Acrescente-se, ainda, que este Encontro não é o primeiro nem o fim de acções deste tipo; o trabalho já em curso de trás e continuará para este Encontro.



O arquitecto Nuno Teotónio Pereira presta informações acerca do Encontro Nacional de Arquitectos

num processo de esclarecimento e discussão públicas que convém incentivar, respeitante aos problemas do desenvolvimento urbano.

Visando este Encontro a máxima participação da classe, a sua preparação efectiva não deve ser limitada a um grupo mas alargada a todos os arquitectos. Assim propõe-se a formação de grupos de discussão nos locais de trabalho, por afinidades ideológicas e por identidade de problemas.

Com vista à organização do Encontro estão a efectuar-se reuniões preparatórias, abertas todas as segundas-feiras, à noite, na S. N. B. A.

Com este encontro não se

cessos que se iniciou, mas apenas um ponto de paragem, confrontação e troca recíproca de conceitos e preocupações, que passarão assim a pertencer a um número cada vez maior de arquitectos.

A direcção do Sindicato dá o seu apoio aos organizadores, pondo à sua disposição as instalações da S. N. B. A. e todo o material técnico indispensável, garantindo ainda a colaboração de todo o pessoal.

A comissão organizadora desdobra-se em três subcomissões:

O Grupo 1 — Que pretende fomentar e recolher o trabalho de equipas de base que se estão formando ou possam vir a formar, procurando alargar, tanto quan-

261. 262. Encontro Nacional de Arquitectos (SNBA, 6 - 8 de Dezembro de 1969): notícias na imprensa anunciando para breve um encontro da classe profissional para analisar e debater as «estruturas socioeconómicas que condicionam a actividade profissional com vista a uma tomada de confiança do papel do arquitecto na sociedade portuguesa actual», com depoimentos de José Pacheco e Nuno Teotónio Pereira (*A Capital*, 26-11-1969 e 3-12-1969)

1. Consequentemente com os objectivos do Encontro não se pretende nesta fase obter convergências em Plenário.
2. A continuidade do nosso trabalho deverá exprimir-se num Encontro Permanente com o prosseguimento dos trabalhos de grupo.
3. O Sindicato deverá ser o polarizador activo desses grupos definindo-se como Tribuna Livre de uma actuação formativa e interdisciplinar.
4. Só os grupos de trabalho, partindo dos actualmente constituídos, ou a constituir abertos a profissionais de actividades variadas ou não, demonstram a vitalidade da classe.
5. Que os trabalhos dos grupos se oriente na comunicação entre os elementos da classe, e sua valorização, e nas aberturas com a população.

Tema 4. Participação Popular e Trabalho do Arquitecto no desenvolvimento urbano.

Este grupo de trabalho considera como pontos conquistados nos seus debates:

1. Que é um facto a inexistência de inteligências entre a população e a actividade profissional;
2. Que a estrutura social, económica e política portuguesa é o factor condicionante primeiro;
3. Que o rompimento das estruturas mencionadas é a perspectiva de actuação;
4. Que essa acção de rompimento deve ser efectuada em diferentes níveis e pelos diferentes sectores da população;
5. Que a contribuição específica dos diferentes técnicos só pode ter um carácter informativo e esclarecedor, tendo em conta no entanto o risco de utilizar unicamente os valores e padrões de cultura do grupo de liderança.

De acordo com esta síntese pretende-se continuar a trabalhar no sentido de aprofundar a análise da realidade, tomando como directrizes as propostas a mencionar seguidamente e aquelas que surgirem do plenário.

Neste sentido propõe-se:

— A imediata criação de um grupo multidisciplinar de intervenção e denúncia

- Ao nível da classe
- Ao nível das outras classes
- Ao nível da população

Ao nível da classe

- continuação em Estado de Encontro com reflexão sobre deficiências e proposta de soluções
- utilização da imprensa técnica para crítica das situações
- denúncia das aberrações do ensino e das suas finalidades.

Ao nível das outras classes

- encontro com profissionais também intervenientes no planeamento urbano.

Ao nível da população

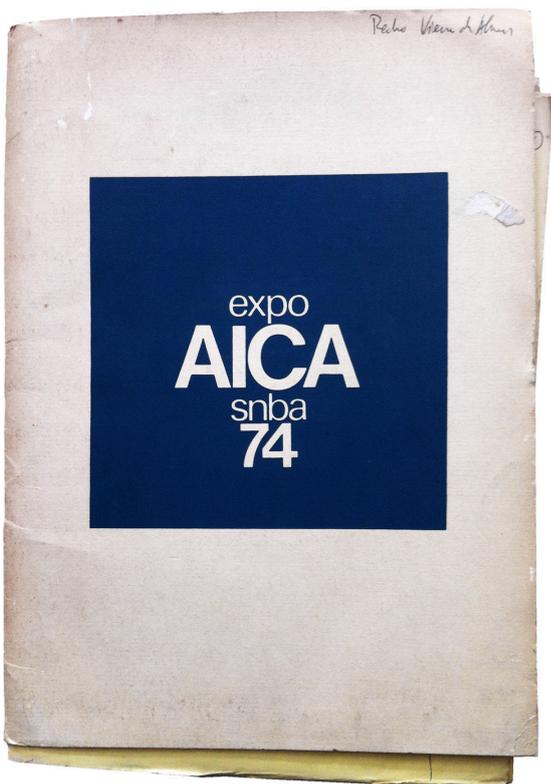
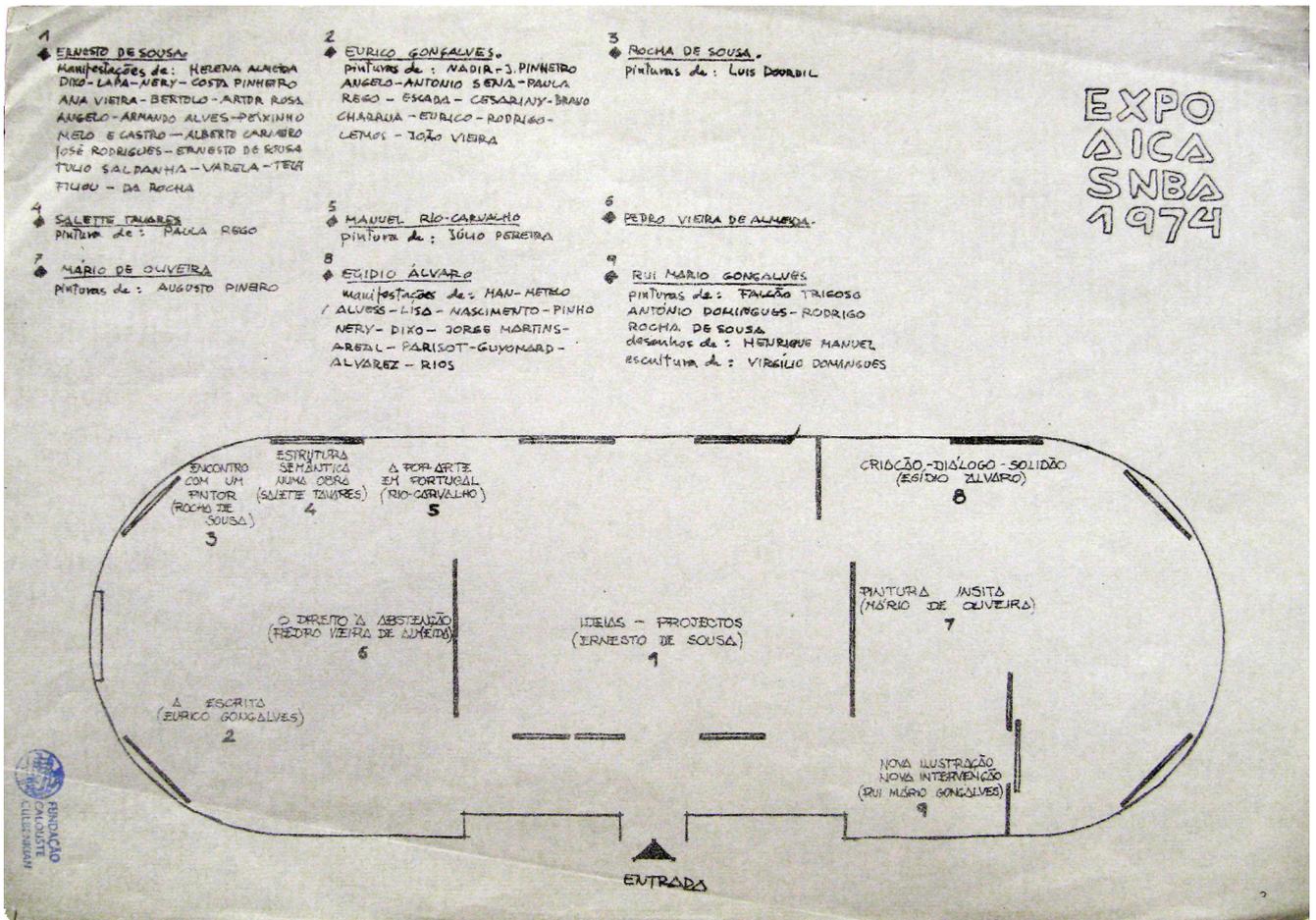
- aproveitamento de situações anómalas evidentes para imediata denúncia das causas que as possibilitaram
- ensaio das hipóteses de intervenção da população na discussão de planos
- tentar estabelecer pólos de encontro da população para debate das dificuldades, suscitando a consciencialização de animadores
- utilização dos grandes meios de comunicação na medida do possível.

Tema 5. A comunicação como contestação

o isolamento como existência
 a existência como subsistência
 a subsistência como subdesenvolvimento
 o subdesenvolvimento como «média»
 a «média» como mensagem
 a mensagem como intervenção
 a intervenção como comunicação
 a comunicação como política
 a política como esperança
 A esperança



263. Encontro Nacional de Arquitectos (SNBA, 6 - 8 de Dezembro de 1969): comunicado elaborado pela Comissão Organizadora para fazer frente à «barreira de silêncio» entretanto imposta pelos organismos oficiais à imprensa e divulgar os temas debatidos e as conclusões do plenário geral; nesta página (3/4), podem-se ver as conclusões do tema "Participação popular e trabalho do arquitecto no desenvolvimento urbano", do qual fazia parte Pedro Vieira de Almeida



264. 265. EXPO AICA SNBA 1974: plano da exposição, com os espaços dos nove críticos responsáveis - Ernesto de Sousa, Eurico Gonçalves, Rocha de Sousa, Salette Tavares, Manuel Rio-Carvalho, Pedro Vieira de Almeida (que opta por não expor nenhuma obra), Mário de Oliveira, Egídio Álvaro e Rui Mário Gonçalves - e dossier com actas e documentação

Referências (que possam habilitar a fazer um juízo acerca das qualidades, habilitações e capacidade do candidato) PROF. ARQ. CARLOS C. RAMOS, ARQ. FERNANDO TA'VORA
PROF. DR. MARIO CHICÓ, ARQ. NUNO TEOTÓNIO PEREIRA
ARQ. OCTÁVIO FILGUEIRAS, DR. ADÉRITO SEDAS NUNES.

➔ **PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS SOBRE OBRAS SIGNIFICATIVAS PARA UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL (ARQUITECTURA E URBANISMO)**

À excepção de monografias especializadas de alguns investigadores (como do tipo S. Simões ou de M. Rio de Cavalho) a realização de um inventário das obras e demais documentos que possam aclarar o processo de aculturação da renovação arquitectónica moderna no nosso país, não foi ainda iniciada, embora seja reconhecida toda a urgência em excitar a necessária preparação e classificações.

Programa de estudos (a) Não é paratual a menor razão o facto de se ter já conhecido a alteração ou destruição de algumas das poucas obras que constituem esse património desde a 2ª metade do século passado, reunindo enquanto for tempo elementos gráficos fotográficos e testemunhos dos autores. Uma segunda razão, mais ampla, será a de permitir o seu estudo crítico e possibilitar uma visão histórica cuja falta constitui um grave óbice à cultura arquitectónica recente e que em numerosos países se tem tentado evitar.

Este trabalho que se propõe, insere-se, aliás, num plano mais vasto, resultante de contactos com alguns personalidades interessadas e de que há pouco há algum tempo noticiamos particularmente o Sr. Director do Serviço de Belas-Artes, Sr. F. Calouste Gulbenkian, e que agora nos pedem iniciar a título individual, na convicção de que desta forma se não impede um ulterior estudo conduzido em equipa de especialistas de diferentes formações, quer se recorre e organize uma documentação indispensável a uma segunda fase de elaboração crítica.

Para concretizar um pouco o "campo" de pesquisa, detalha-se adiante um esquema provisório.

1. Processo de industrialização e pressões sociais: ensaios de novos materiais e técnicas; novos tipos de construções e equipamento; habitat popular do sc. XIX;
2. Tentativas de renovação da linguagem: movimento predominantemente decorativista (neo-clássico, neo-romântico, etc; arte nova; o gosto purista e neo-plasticista sob influência das correntes europeias; análise em profundidade de obras cuja poética ascende ao plano da concepção estrutural e do programa;
3. Reação do "nacionalismo" e suas consequências culturais: a dialéctica do "local e do universal"; a aquisição monumental e o funcionalismo;
4. A continuidade recente do movimento moderno: problemas e obras representativas.

O método que se propõe seguir consistirá em:

- a) reunir o maior número de informações em publicações, documentos escolares ou de arquivos públicos, testemunhos pessoais;
- b) recolher ou executar peças gráficas, visitar e fotografar porventura as obras seleccionadas como de interesse a qualquer título, além de procurar explicar a sua genese, influências e reacções provocadas junto dos autores, colaboradores, familiares, etc;
- c) relacionar as características das obras e autores com as ideias e condições da época e com a evolução da arq. contemporânea fora do País.

Além de trabalho de gabinete, este tipo de estudo implica portanto frequentes deslocações ao País, para as obras, dentro do País, trabalhos de levantamento topográfico e fotográfico, de fotocópia ou reprodução de desenhos, etc.

Quanto à sua divulgação pública propõe-se seja estudada posteriormente, sendo no entanto, desde já, por meios apropriados, a) publicações numa série em revista e especializada e b) preparação de exposições fixas ou itinerantes.

(a) O candidato deverá entregar um programa de estudos o mais pormenorizado possível, com a expressa menção dos locais onde tenciona trabalhar ou do itinerário a realizar.

- a) publicações numa série em revista e especializada - Arq. - a exemplo das rev. Italianas.
- b) preparação de livro dedicado ao assunto
- c) preparação de exposições fixas ou itinerantes nas escolas e exposições culturais.

13

Outras ocupações:

12. Costumam reunir-se na sala ao Domingo ? Quem ? À tarde ? À noite ?

13A. Gosta da sala ?

Sim

Sim, com reservas

Não

13B. (Seja qual for a resposta obtida à pergunta anterior, estabelecer um diálogo que permita averiguar, para cada um dos pontos a seguir indicados, críticas à sala existente e preferências para uma sala mais ao gosto dos ocupantes do alojamento)

a) Tamanho:

Grande demais

Bom tamanho

Pequena

Muito pequena

b) Formato

Críticas:

Preferências:

c) Localização na casa (à entrada; ao fundo de um corredor, no centro da casa)

Críticas:

15

C. Preparo das refeições e cozinha

14. Quem faz a comida, cá em casa ? É ajudada por alguém ?

15. (Se há crianças em casa) Como se arranja para vigiar as crianças, en quanto está na cozinha ?

16A. Que acha do tamanho da cozinha ?

Grande

Bom tamanho

Gostava que fosse maior

Muito acanhada

16B. (No caso de insatisfação, na pergunta anterior, com o tamanho da cozinha, interessa saber se é por se sentir falta de espaço para fazer na cozinha o que já aí se faz, ou se é por se gostar de fazer na cozinha coisas que aí não são feitas, comer por exemplo) Porque é que acha a cozinha pequena ?

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL
SERVIÇO DE EDIFÍCIOS E PONTES - DIVISÃO DE CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO

PROC.º 34/5/1805
INQUÉRITO-PILOTO SOBRE PROBLEMAS DE HABITAÇÃO

Bairro

Classificação do edifício

Classificação do fogo Ano Cons .

Rua n.º andar

Renda mensal

Entidade responsável pela construção

Entidade Administradora

Equipa n.º _____

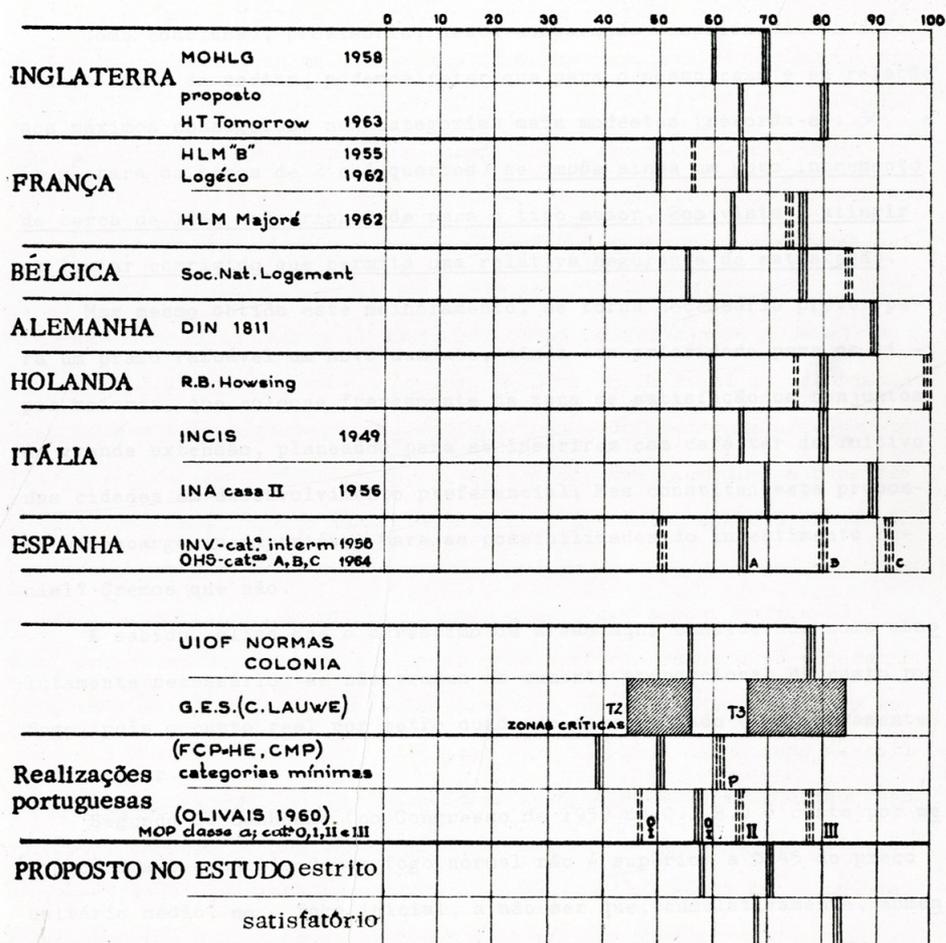
Questionário N.º ____/____

Data da Inquirição ____/____/____

267. Inquérito-piloto sobre necessidades familiares em matéria de habitação (1963), questionário usado nas entrevistas: páginas sobre a utilização da sala e da cozinha, com sondagem de opinião quanto ao seu tamanho, formato e localização, e indicação de preferências; página de rosto, a ser preenchida por cada equipa

A-III

QUADRO COMPARATIVO DE ÁREAS MÍNIMAS
em regulamentações europeias e no estudo



tipo 2 || variantes previstas ||
 tipo 3 || " " ||

268. Quadro comparativo de áreas mínimas em regulamentações europeias e em realizações portuguesas (Federação das Caixas de Previdência, Câmara Municipal do Porto e GTH - Olivais Sul) e proposta em *Estudo das funções e da exigência de áreas de habitação* (1964), distinguindo níveis estritos e níveis satisfatórios

3 - INTER-RELAÇÕES - COMUNICAÇÃO E SEPARAÇÃO DE FUNÇÕES

- II 165 - Em fogos de dois ou mais pisos, o quarto de casal está no mesmo piso de pelo menos um quarto de filhos
- II 166 - Em fogos de dois ou mais pisos, existe um quarto ao mesmo nível das funções de maior permanência diurna (2,5,10,11)
- II 167 - Existe um quarto, sem ser o de casal, que ocupa no fogo uma situação mais independente perto da entrada e com acesso desta se possível, para tipos $\geq T 3/6$ (ver observação nº 24)
- II 168 - Não existe nenhum quarto voltado para a galeria exterior ou rua, ao mesmo nível (ver observação nº 25)
- I 169 - Não existe nenhum quarto voltado para a galeria exterior ou rua, ao mesmo nível, ou existe um para fogos $\geq T 3$ (ver observação nº 25)
- I 170 - Qualquer que seja o local de refeições correntes (3), estas são viáveis, ligadas ou contíguas à preparação (2)
- I 171 - A preparação (2) e a zona de estar-receber (5-6), tem isolamento garantido
- II 172 - A preparação (2) e a zona de estar-receber (5-6), tem isolamento garantido, mas podem ligar-se visual e auditivamente
- I 173 - Está garantido o isolamento entre o local das refeições correntes (3) e a zona de estar-receber (5-6)
- I 183 - O lava-roupas (11) é perto da preparação (2), interior ou exterior abrigado
- II 184 - O lava-roupas (11) é perto da preparação (2), em lugar próprio, interior ou exterior abrigado
- I 185 - Pode vigiar-se facilmente e sempre que se queira o local interior de crianças (7), desde a preparação (2) ou zona de trabalhos (10)
- I 186 - Pode vigiar-se facilmente e sempre que se queira o local interior de crianças (7) desde a lavagem de roupas (11)
- I 187 - Pode vigiar-se facilmente e sempre que se queira o local exterior de crianças desde a preparação (2) ou zona de trabalhos (10) (ver observação nº 27)
- I 188 - Pode vigiar-se facilmente e sempre que se queira o local exterior de crianças desde a lavagem de roupas (11) (ver observação nº 27)
- I 189 - No caso de habitação de dois ou mais pisos existe um wc-banho ao mesmo nível ou desfazado de meio piso da zona de quartos
- I 190 - No caso de habitação de dois ou mais pisos existe um wc-lavabo ao mesmo nível ou desfazado de meio piso das funções de maior permanência diurna
- I 191 - O prolongamento exterior privado ou semi-privado (14) está localizado em continuidade da zona de trabalho (10) e da cozinha (2) (ver observação nº 28)
- II 192 - O prolongamento exterior privado ou semi-privado (14) está localizado em continuidade da zona de estar (5-6) de toda a família (ver observação nº 28)
- II 174 - As refeições correntes (3), são viáveis em local isolável da zona de estar-receber (5-6), mas permitem com ela continuidade (ver observação nº 26)
- I 175 - As refeições especiais (4) e a cozinha (2) são isoladas
- II 176 - As refeições especiais (4) e a cozinha (2), tem isolamento garantido, mas estão próximas para serviço ou tem passa-pratos
- I 177 - A sala única ou zona de receber não está voltada para a galeria exterior ou rua ao mesmo nível (ver observação nº 25)
- I 178 - Caso existam duas divisões de estar de toda a família, está garantido o isolamento entre ambas (estar-receber (5-6) e estar-trabalhos (5-10)).
- II 179 - Caso existam duas divisões de estar de toda a família, está garantido o seu isolamento, mas podem ligar-se, existindo entre elas comunicação visual e auditiva.
- I 180 - O local de trabalhos da dona de casa, coser e passar (10), está ligado ou contínuo à preparação (2)
- I 181 - Está garantido o isolamento entre o local de trabalhos da dona de casa, coser e passar (10) e a zona de estar-receber (5-6)
- II 182 - O local de trabalhos da dona de casa (10) e a zona de estar-receber (5-6), tem isolamento garantido mas podem ligar-se visual e auditivamente
- II 193 - O prolongamento exterior privado (14) está localizado em continuidade com um dos quartos (1) que não o de casal
- II 194 - Existe um segundo prolongamento exterior ligado a qualquer das zonas referidas nas exigências, 191, 192 e 193 (ver observação nº 29)
- I 195 - A localização do prolongamento exterior (14) privado em relação à planta do fogo permite-lhe estar ligado a mais do que um compartimento interior
- II 196 - O roupeiro geral (16) localiza-se centralmente, no vestíbulo, na circulação interior ou na zona de tratamento de roupas
- II 197 - O arrumo - reserva ou dispensa (16) situa-se em ligação directa ou muito próximo da preparação (2) - cozinha ou seu prolongamento
- I 198 - O tubo de queda dos lixos encontra-se situado no prolongamento exterior privado, ou no acesso ao fogo nunca desfazado de mais que meio piso, ou distante de 20 m; ou existe trituradora privativa na cozinha (ver observação nº 30)
- II 199 - O acesso aos quartos (menos um) não é feito directamente pela zona de estar-receber (5-6)
- II 200 - Os quartos não são local de passagem
- I 201 - Os quartos não são local de passagem, ou se são existe alternativa
- I 202 - No caso de organização de quartos em alcova com espaço comum, este não é sítio de passagem frequente ou obrigatória

part. (B)

Caríssimo Colega:

Hace algunos días, estando con nuestros comunes amigos Carlos Flores, en Madrid, quedi con muchas ganas de conocerlo personalmente: creo que desde un cierto engagement católico hasta el engagement en arquitectura hay muchos puntos de solidaridad entre nosotros. Y ha sido un honor para mí que Carlos haya juntado otras nuestras en el universo próximo de Hoje, pero en ambos nos preocupamos por el desarrollo de los espacios de distribución y encuentro de las gentes (valores, salarios...)

No sabiendo cuándo podré volver a Barcelona, donde he estado ya algunas veces, cuento con la amistad de Codexch (escribi aquí un ensayo sobre su obra) y pido a este amigo que ha sido mi alumno

Nuno Portas ARQUITECTO
R. Alegria, 25, 3.º - Lx. 2 - Tel. 328869

es el año primero de mi trabajo en la Escuela de Arquitectura para que visitase usted y le pudiese indicar algunas cosas que aprovecharse lo mejor el contacto con Barcelona.

Es un tipo muy interesante e talentoso y interesado por el problema de hacer arquitectura en las condiciones de lucha que nos ponen nuestras sociedades e regimen.

Los "consejos" que usted le comunique seran después aquí debatidos...

Quedarán agradecido si U. nos comunicase fotos y dibujos de algunos trabajos suyos — los he pedido a Flores pero él me ha dicho que los pida a Usted directamente — de los últimos publicados en Hoje, para hacer aquí otro reportaje catalano más en nuestra revista, independiente, Arquitect

Muchas gracias por todo lo que pueda hacer e, esperando la ocasión de un encuentro en Barcelona o Lisboa, cordiales saluciones de NUNO PORTAS

Adjunto un ejemplar del libro que escribí para las oposiciones, con muchos fotos.

269. (na página anterior) *Racionalização de soluções da habitação, Parte I* (1966), questionário: quesitos 165 - 202, relativos ao ponto 3, "Inter-relações - comunicação e separação de funções"

270. Cartão de Nuno Portas enviado a Oriol Bohigas, apresentando-se como amigo de Carlos Flores, onde expressa a vontade de conhecer pessoalmente OB e observa interesses idênticos («...el desarrollo de los espacios de distribución y encuentro de las gentes...») pedindo também material de MBM para publicar em Portugal e dando conta do envio do livro *A Arquitectura para Hoje*; assinado, sem data

Pasando por Milão conoci todos el grupo (?) Gregotti -
 Canella - Rossi - de Carlo - Belgiojoso, etc. Urgencia
 de un nuevo CIAM, promesas de irse en marcha,
 etc.
 Tempo muchas ganas de estar unos días con vosotros
 pero me ha invitado con una carta muy tentadora, pero
 que no se aún cuando podré salir de nuevo. Tempo
 que heber manos a la redacción de la versión española
 (Hofary) de un libro. Flores ve sus dificultades aumentadas
 y quiere publicar el número en Noviembre antes que
 sea imposible. La última semana de Agosto sería posible?

Nuno Portas ARQUITECTO
 R. Alegria, 25, 3.º - Lx. 2 - Tel. 328869

Querido Oriol

Perdona me escribinte en... castellano - mejor
 sería hacerlo en portugués, desde el punto de vista
 "federal" claro!
 Por Federico ya se que llegaste bien del
 país de los computers reaccionarios. Esperaba
 encontrarte en esa magnífica ciudad barroca
 - y - problematica de Praga. No por el big Congress
 que no valio $\frac{1}{1000}$ del "nuestro" pequeño Congreso,
 mas por la gente que, aún que triste, queda
 nuestra amiga. Y aún porque conocer problemas
 que se plantean en un país como ese, es importante
 para todos los otros. Pero eso lo habrás oído
 ya de Federico.

No podreis imaginaros la propaganda que
 aqui hizo del "pequeño", de vosotros, de vuestra
 arquitectura. Consecuencias:
 a) Noviembre el primer "pequeño congreso portugués".
 Federico ya sabe algo de lo que intentamos.
 b) Escribi una nota polemica en nuestra revista
 sobre el "pequeño", intentando envergonzar los
 inmovilistas arqu^{os} portugueses. Hare una
 fotocopia junto un recorte para vosotros.
 En el último número se publica Juan XXIII y
 queriamos publicar de seguida el bloque Lepanto
 pero no recibimos aún las fotos que Martrell
 nos había prometido.

271. Carta de Nuno Portas a Oriol Bohigas
 sobre o "rescaldo" do Pequeno Congresso
 de Tarragona («No podréis imaginar la
 propaganda que aqui hizo del "pequeño",
 de vosotros, de vuestra arquitectura...») com a
 preparação de um P.C. em Portugal e a publicação
 de «una nota polemica en nuestra revista sobre el
 "pequeño", intentando envergonzar los inmovilistas
 arqu^s portugueses»; NP dá ainda conta de uma
 passagem por Milão, com contactos com Gregotti,
 Canella, Rossi, de Carlo, Belgiojoso, etc.; assinado,
 sem data

2 – ORGANISMOS INTERVENIENTES NO PROBLEMA DA HABITAÇÃO

2.1 – Âmbito da intervenção dos serviços actuais

Presidência do Conselho
Secretariado Técnico

Ministério das Obras Públicas

D. G. Serviços de Urbanização

Gabinete de Estudos da Habitação
Centro de Estudos de Urbanismo e Habitação
Gabinetes de Planos Regionais
(Lisboa, Aveiro, Algarve)

D. G. Edifícios e Monumentos Nacionais

Serviço de Construção de Casas Económicas

Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Ministério das Corporações

H. E. - Federação de Caixas de Previdência
Junta Central das Casas dos Povo
Junta Central das Casas dos Pescadores
Conselho da Previdência e Habitações Económicas

Ministério da Economia

Junta de Colonização Interna
Instituto Nacional de Investigação Industrial
I. G. S. A. I. - Repartição de Normalização
Junta de Planeamento territorial (em formação)

Ministério das Finanças

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Ministério da Defesa

Serviços Sociais das Forças Armadas

Ministério do Interior
(Corpos Administrativos)

Câmara Municipal de Lisboa

Gabinete do Plano Director da cidade de Lisboa
Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras
Gabinete Técnico de Habitação

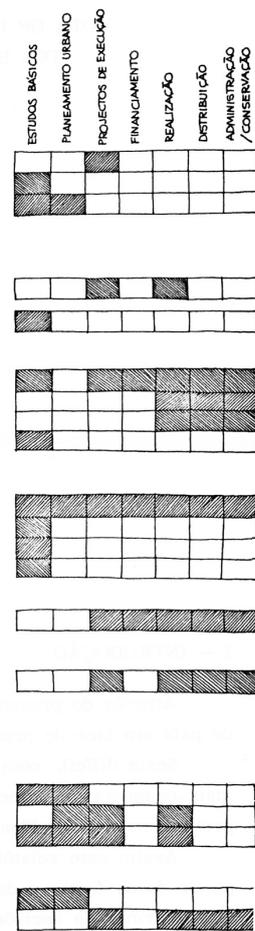
Câmara Municipal do Porto

Gabinete de Urbanização
Direcção dos Serviços do Plano de Melhoramentos

Outras Câmaras

Entidades semi-oficiais

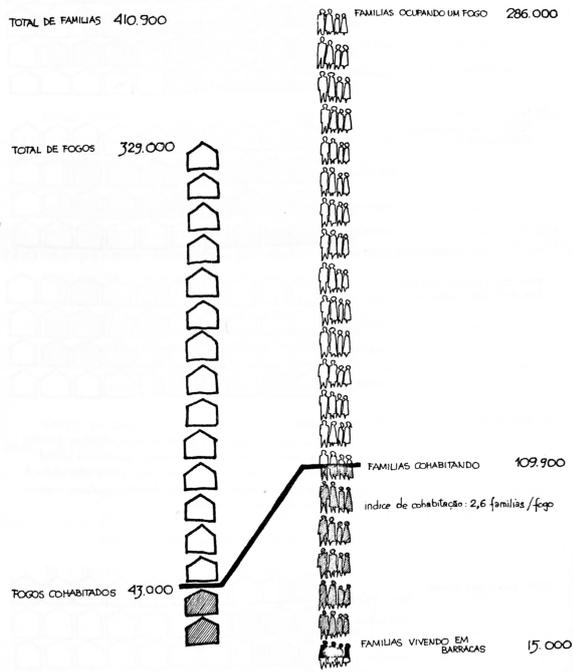
Instituições de Previdência Autónomas
Cooperativas de Habitação
Misericórdias
Fundações e Obras de Assistência



2

LNCC - Proc. 34/0/3483

272. Informação sobre a situação actual dos empreendimentos e necessidades da habitação social (1969): responsabilidade dos organismos intervenientes no problema da habitação (estudos básicos, planeamento urbano, projectos de execução, financiamento, distribuição, realização, distribuição, administração / conservação) e ocupação dos fogos do parque imobiliário de Lisboa - 329.000 fogos para 410.900 famílias, 69,6% a ocupar um fogo, 26,7% a coabitar e 3,7% a viver em barracas



ESTUDO TÉCNICO E APOIO À REALIZAÇÃO DE UMA OPERAÇÃO DE HABITAT EVOLUTIVO

~~FASES E TAREFAS PREVISÍVEIS~~

OBJECTIVOS:

a)-Estudar as condições de êxito necessárias e suficientes para um programa de melhoria progressiva das condições do habitat, em aglomerados degradados ou novos aglomerados, aproveitando a iniciativa dos próprios e visando um acréscimo de segurança com as reduções dos gastos com a habitação e transportes urbanos e o benefício imediato de equipamentos colectivos de educação e promoção social.

1a b)-Analisar as condições precisas de realização de uma operação experimental, de entre as hipóteses de aglomerados de que os serviços disponham, para acções próximas: localização, extensão da operação, características socio-económicas da população, (dimensão do lote-tipo e forma de agrupamento).

2a c)-Preparar o estudo de integração urbana de infra-estruturas e loteamento para o(s) terreno(s) escolhido(s) em função de esquemas genéricos das células de habitação e dos equipamentos mínimos, ambos concebidos como estruturas evolutivas.

2c d)-Estudar os sistemas construtivos mais recomendáveis para as condições de custo previstas e para o aproveitamento da mão-de-obra dos próprios; fazer o estudo experimental, se justificado, de elementos estandarizados a pré-fabricar, em estaleiro ou fábrica, e destinados a aumentar a produtividade e qualidade tecnológica da construção.

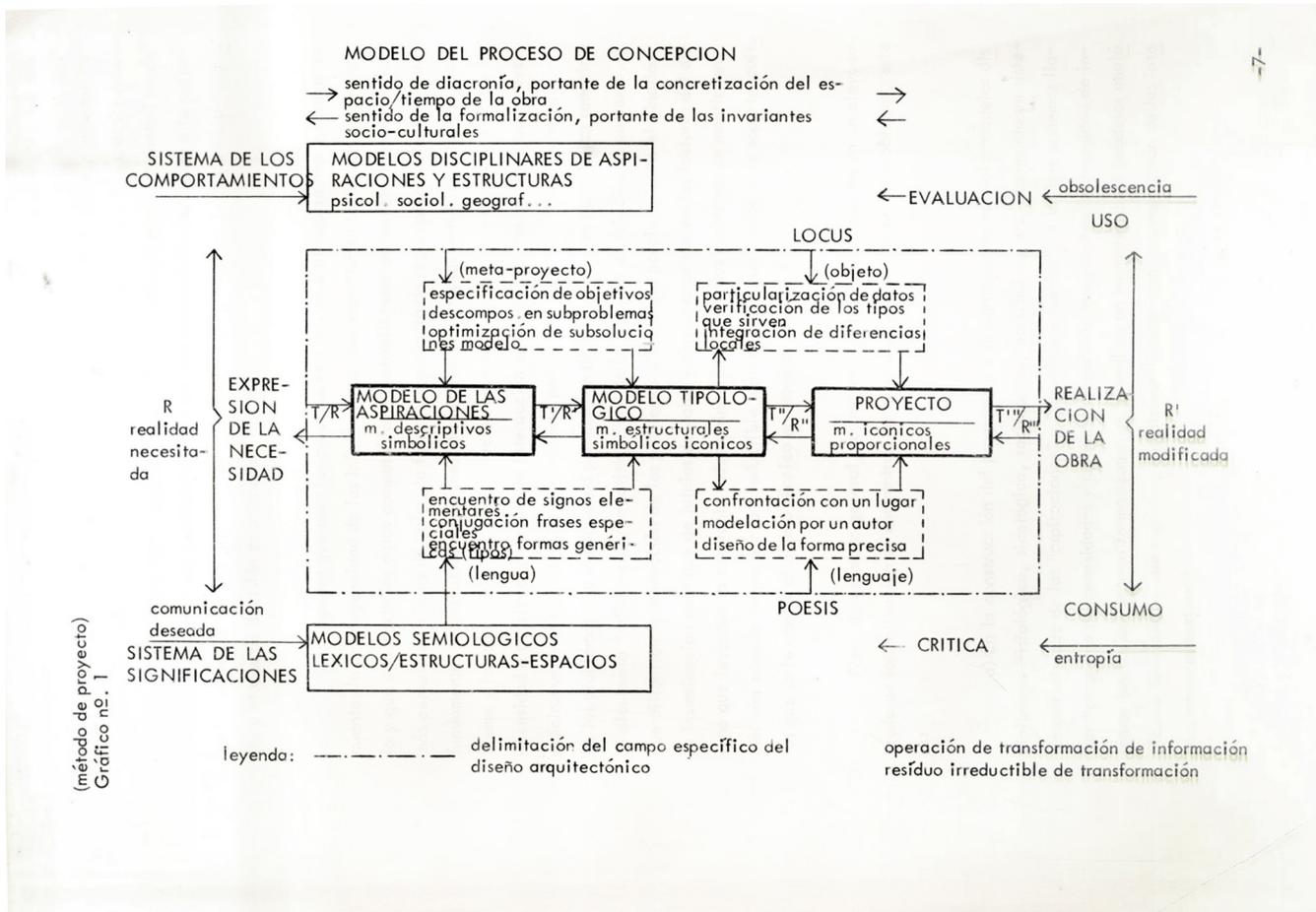
1b e)-Preparar o planeamento da operação consignando as atribuições e prazos de realização das diversas entidades públicas (Fomento da Habitação, Saúde e Assistência, Construções Escolares, Município), assim como o processo de participação e apoio técnico à população.

3f f)-Lançar a operação segundo métodos de organização de comunidades, por forma a que o empreendimento tenda para um sistema auto-regulável.

2b g)-Estudar o plano económico da operação e as exigências de financiamento público para infra-estruturas, equipamento e células, assim como as modalidades de integração dos recursos latentes dos beneficiários (poupanças, trabalho, iniciativa, etc.).

2d h)-Estudar os instrumentos jurídicos necessários à regulamentação da cedência dos loteamentos em direito de superfície e à associação cooperativa dos beneficiários.

3a i)-Constituir a equipa para apoio técnico local à operação e preparar um planeamento dos trabalhos e do estaleiro, prevendo as necessidades de enquadramento por mão-de-obra especializada do esforço próprio.



274. *Arquitectura: forma de conocimiento, forma de comunicación* (1971): “modelo do processo de concepção” arquitectónico com integração do sistema dos comportamentos e do sistema da significação (*modelo das aspirações / modelo tipológico*) - tradução do texto de Nuno Portas no 8º caderno monográfico da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona / Laboratório de Urbanismo de Barcelona

agosto 1971

Querido Oriol : estubo recluido en Galicia escribiendo la versión castellana de mi libro para Gili. Sufri mucho y aún estoy muy lejos del final. Pasé en Lisboa y ley tu carta en la que me das cuenta del affaire Giancarlo.

Naturalmente que el asunto fue para mí completa sorpresa : en dos cartas y en una larga telefónica Giancarlo no me puso ningún problema de orden ético lo que quiere decir que me identifica con "los malos". (en esas cartas y en la conversación tel. en la cual me declaro aceptar continuar miembro del jurado aun que nosotros suscribimos que "mis compromisos de última hora no le permitirían probablemente participar en los trabajos"), no me hablo de problemas de fondo : antes, en Milán, fue yo mismo quien le puso claramente las limitaciones programáticas (turismo-especulación, fin repulsivo; interés restringido a la dimensión y al planteo de plan-proceso en un país en donde la edificación turística es adición creciente de edificios singulares y onde los aytm no han tenido ni conciencia (estímulo o un bien?...) ni llamadas a trabajos con escala urbana...

y le puso estos problemas, exactamente por un estar interesado en obtener una aceptación por simpatía que pronto se volvió posición de contestación demasiado tarde. Por esto me sorprende que Giancarlo no haya tenido la suficiente confianza en mí para exponerme sus dudas y, coherentemente exponer los motivos reales de su no-aceptación los cuales si hubieran servido para nosotros de toma de conciencia sobre el papel nuestro en el juego. Extraño, muy extraño...

275. Carta de Nuno Portas a Oriol Bohigas sobre a recusa de Giancarlo de Carlo em participar no júri do concurso promovido pela Lusotur para Vilamoura (1971); nas primeiras linhas, escreve: «estuve recluido en Galicia escribiendo la versión castellana de mi libro para Gili»

(I Série - Número 182 de 6/8/74)

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
E DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Despacho

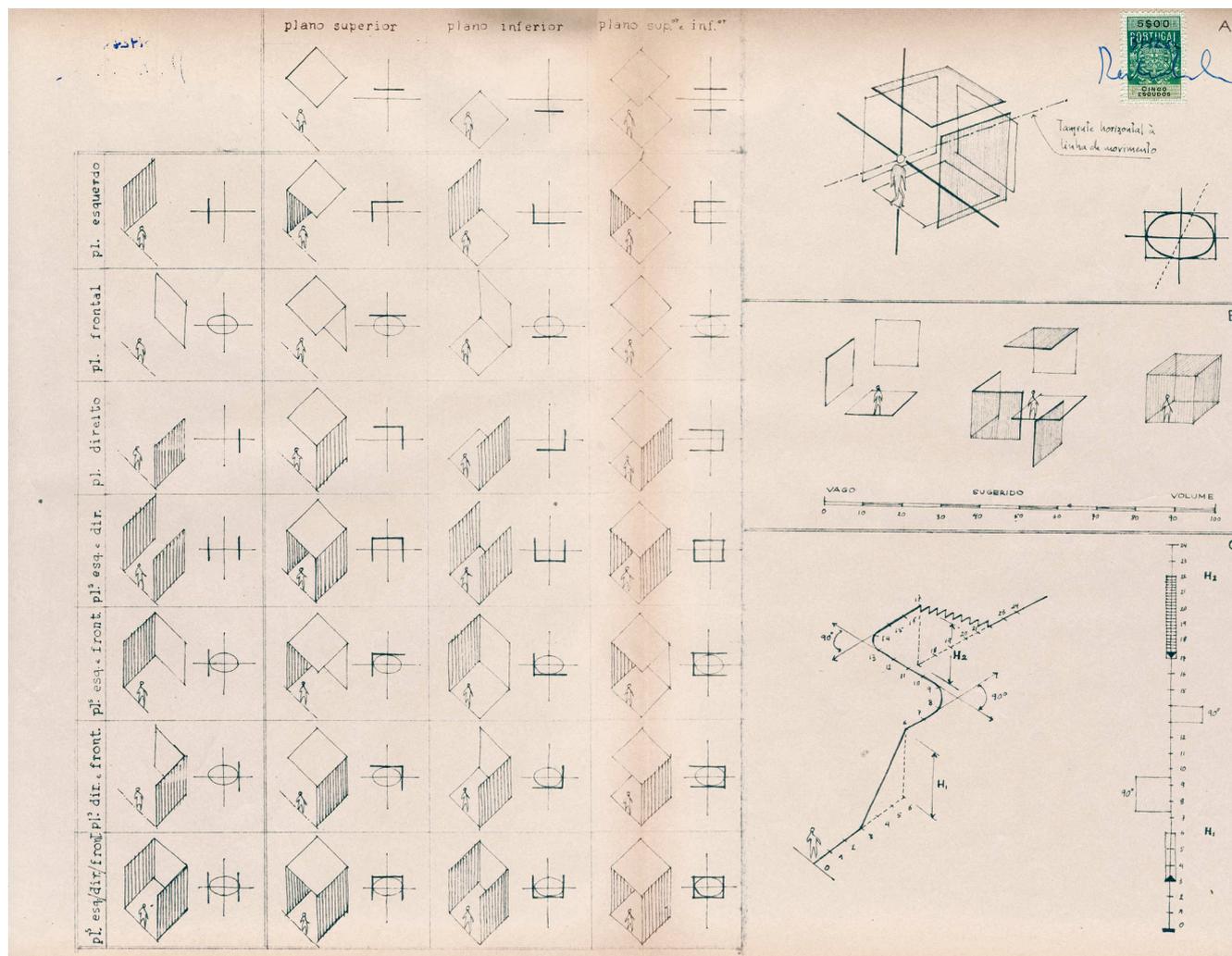
1. Em face das graves carências habitacionais, designadamente nas principais aglomerações aliadas às dificuldades em fazer arranjar programas de construção convencional a curto prazo - na medida em que estes programas supõem terrenos preparados, projectos e preparação de concursos e garantia de disponibilidade financeira por parte do Estado ou autarquias locais -, está o Fundo de Fomento da Habitação a organizar um corpo técnico especializado, designado por "Serviço de Apoio Ambulatório Local" (SAAL), para apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborar na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários.

A necessária base legal e financeira destas operações é simultaneamente assegurada por dois diplomas em curso de promulgação - o primeiro sobre a constituição de cooperativas habitacionais não lucrativas e o segundo sobre as modalidades de financiamento e apoios técnicos à iniciativa organizada dos moradores -, tendo, entretanto, sido prevista no orçamento extraordinário do Fundo dotação para o arranque das primeiras operações.

2. Como princípio geral, devem os trabalhos de infra-estrutura viária e sanitária - que constituem a base essencial das operações - ser custeados pela autarquia local, assim como a disponibilidade de terrenos para a urbanização (a ceder, em princípio, sob forma superficial), sem prejuízo da obtenção de comparticipação estatal, nestes casos com prioridade justificada.

3. Partindo estas iniciativas dos moradores - que para a sua gestão se organizam em associações ou cooperativas -, as câmaras municipais deverão ter fundamentalmente um papel de controle urbanístico da localização e cedência de solo e de interlocutores directos da organização dos interessados, designadamente na arbitragem das prioridades em face dos recursos disponíveis - aliás sempre insuficientes - e na garantia dos empréstimos previstos na legislação.

276. Despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo (Nuno Portas) do Ministério do Equipamento Social e Ambiente para a criação do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) para as populações mal alojadas, com os princípios base da Habitação Evolutiva (p.1/3, 6-8-1974)



277. *Ensaio sobre o espaço da arquitectura* - Pedro Vieira de Almeida: separata com reprodução de SEEPI's de Philip Thiel, acompanhado da legenda: «Tem muito maior importância na análise de P. Thiel o aspecto dinâmico. Todo o espaço incide em achar um método de "escrever" uma sucessão de experiências num dado percurso, e para um dado tempo. | Pode talvez discutir-se a utilidade mas não pode por-se em causa como interpretação espacial, visto que ela não existe aqui verdadeiramente. | O quadro da esquerda refere as posições possíveis de elementos definidores do espaço em relação ao observador, e a sua respectiva representação esquemática»

CATTEDRA DI STORIA DELL'ARCHITETTURA
 FACOLTÀ DI ARCHITETTURA
 UNIVERSITÀ DI ROMA

PROF. DOTT. BRUNO ZEVI ARCHITETTO
 "L'ARCHITETTURA - CRONACHE E STORIA" - VIA NOMENTANA, 150 - TEL. 8380481

ROMA 2 febbraio 1964

Caro Vieira de Almeida,

grazie della Sua lettera, che ho molto gradito.

Non ho alcuna obiezione a che Lei traduca "Saper vedere l'architettura", a condizione: a) che l'editore sia qualificato culturalmente; b) che la collezione in cui il libro appare sia culturalmente significativa. In caso contrario, preferisco aspettare, anche perché ho alcune offerte in Brasile. Lascio a Lei la decisione.

Quanto al Suo studio, credo veramente che meriti di essere pubblicato. Certo, va corretto e specialmente illustrato, ma la struttura e le idee sono buone. Con un po' di lavoro, lo studio può risultare in un ottimo libro.

Infine, per la borsa della Fondazione Gulbenkian, faccia pure il mio nome. Dirò di Lei tutto il bene che penso.

Con i più cordiali saluti



Bruno Zevi

278. Carta de Bruno Zevi a Pedro Vieira de Almeida, dando conta da sua mudança para a Universidade de Roma por ter ganho a cátedra de história da arquitectura; sobre o *Ensaio sobre o espaço da arquitectura* - cuja cópia PVA lhe teria enviado ainda em 1963 -, observa ser *muito interessante* e aponta a *necessidade de publicá-lo em forma de livro*; assinado, 4 de Janeiro de 1964

PROF. DOTT. BRUNO ZEVI ARCHITETTO
"L'ARCHITETTURA - CRONACHE E STORIA" - VIA NOMENTANA, 150 - TEL. 8380481

CATTEDRA DI STORIA DELL'ARCHITETTURA
FACOLTÀ DI ARCHITETTURA
UNIVERSITÀ DI ROMA

ROMA 2 febbraio 1964

Caro Vieira de Almeida,

grazie della Sua lettera, che ho molto gradito.

Non ho alcuna obiezione a che Lei traduca "Saper vedere l'architettura", a condizione: a) che l'editore sia qualificato culturalmente; b) che la collezione in cui il libro appare sia culturalmente significativa.
In caso contrario, preferisco aspettare, anche perché ho alcune offerte in Brasile.
Lascio a Lei la decisione.

Quanto al Suo studio, credo veramente che meriti di essere pubblicato. Certo, va corretto e specialmente illustrato, ma la struttura e le idee sono buone. Con un po' di lavoro, lo studio può risultare in un ottimo libro.

Infine, per la borsa della Fondazione Gulbenkian, faccia pure il mio nome. Diro' di Lei tutto il bene che penso.

Con i più cordiali saluti



Bruno Zevi

279. Carta de Bruno Zevi a Pedro Vieira de Almeida, dando consentimento para uma tradução de *Saper vedere l'architettura* numa editora portuguesa, embora com algumas condições; sobre o CODA, volta a insistir: «Acredito verdadeiramente que merece ser publicado. (...) Com algum trabalho, o estudo pode resultar num ótimo livro»; assinado, 2 de Fevereiro de 1964



ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

Exm.o Snr:
 Arq.to Pedro Vieira de Almeida
 Calçada do Tijolo, 28/ 1.º F
 LISBOA - 2

Meu caro Pedro

Acabo de receber a sua proposta para acompanhar o seu pedido de bolsa à Fundação Calouste Gulbenkian com uma declaração em como acompanharei o seu trabalho de pesquisa, no caso da referida bolsa lhe ser atribuída, servindo a presente como assentimento que dou, com muito gosto, mas não como simples formalidade, pois, no seguimento das nossas trocas de impressões sôbre o assunto dos seus estudos, desejaria manifestar-lhe todo o meu interesse não só pela sua actividade de pesquisa, mas também pelo que ela poderia proporcionar quanto a oportunidades de trabalho de inquérito a grupos de alunos desta Escola.

Aceite os cumprimentos muito cordeais do

Porto, 1 de Junho de 1964

280. Carta de Octávio Lixa Filgueiras a Pedro Vieira de Almeida, aceitando ser orientador de uma investigação proposta para financiamento da Gulbenkian, e justificando o seu interesse «também pelo que ela poderia proporcionar quanto a oportunidades de trabalho de inquérito a grupos de alunos [da ESBAL]»; assinado, 1 de Junho de 1964

- 17 - BIAGGIO ROSSETTI ARCHITETTO FERRARESE - Bruno Zevi
Corresponde num plano de urbanismo a uma aplicação prática de um "Saber Ver". Como estudo propriamente teórico é talvez menos suculento do que as outras obras do mesmo autor.
- 18 - THE IMAGE OF THE CITY - Kevin Lynch
Este livro tem indiscutível interesse na análise urbana e no sistema crítico que propõe embora menos empenhado em problemas de modalação do espaço e mais em problemas de orientação, que com ele se relacionam evidentemente. Trás em apêndice a reprodução dos inquéritos feitos e uma descrição pormenorizada do método empregue.
- 19 - LA PSYCHOLOGIE SOCIALE - Jean Stoetzel
Enumeração dos problemas e sentido actuais da psicologia social que é certamente um dos pontos de contacto com o estudo das influências espaciais no comportamento.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- 1 - INTENTIONS IN ARCHITECTURE - Christian Schulz
Obra extensa estruturada e difícil em que se pretende repensar a função global da arquitectura. Muito ligada a uma interpretação semiótica. No entanto parece-me um pouco primária no aspecto espacial.
- 2 - BIOLOGIE SOCIALE - Gaston Bouthoul
Muito clara exposição de problemas de macro-sociologia feita dum ponto de vista o mais objectivo possível.
- 3 - PROLEGOMENES A UNE ESTHETIQUE SCIENTIFIQUE DE L'ARCHITECTURE - Borissavlievitch
Conferência feita em 1922 com interesse muito relativo actualmente mas que serve para enquadrar o autor de "Les theories de l'architecture".
- 4 - TOWNSCAPE - Gordon Cullen
Como exemplo das possibilidades duma arquitectura analítica este livro esclarece em muito a capacidade de "ver" e constitui por isso um óptimo auxiliar para um estudo de implicações formais.
- 5 - LA PSYCHOLOGIE DE LA FORME - Paul Guillaume
Embora sem seguir directamente as conclusões da psicologia da forma é evidente que muitas das hipóteses de trabalho adiantadas tem grande utilidade para a crítica de arquitectura de hoje e podem servir para explicar alguns pontos de dúvida.
- 6 - ARCHITETTURA IN NUCE - Bruno Zevi
Retoma neste livro temas que vêm da "Architettura e storia critica" e do "Saper Vedere l'Architettura" mas de maneira mais profunda e com preocupações directamente ligadas ao problema do ensino.
- 7 - LA FLAMME D'UNE CHANDELLE - Gaston Bachelard
Este livro embora para arquitectos seja menos directamente útil que a "Poétique de l'Espace" completa-o muito bem na explicação de uma problemática intimista que preocupou Bachelard no último período da sua vida.

- 8 - EPISTEMOLOGIE DE L'ESPACE - Colectivo
Colecção de estudos sobre o espaço com interesse diverso no que directamente interessa neste trabalho.
- 9 - VERS UNE CIVILISATION DU LOISIR - Joffre Dumazedier
Na medida em que o "Loisir" implica fatalmente outro conceito de habitação e de urbanismo este livro fornece múltiplos elementos para a proposta de um "espaço perdido".
- 10 - CITY DEVELOPMENT - J. Mumford
Conjunto de trabalhos diversos sobre a evolução da cidade com algumas opiniões em que expressamente se valoriza a incidência ecológica dos aspectos qualitativos do planeamento.
- 11 - THE ETERNAL PRESENT - S. Ciedion
Contém uma interpretação do espaço na pré-história considerado não direccional e relacionando-o com idênticas manifestações entre tribos esquimós actuais.
- 12 - URBANISME ET SOCIÉTÉ - Armand Pichon
Livro curioso em que se analisa com agudeza mais quasi infantilmente aspectos formais urbanos.
- 13 - CADEENOS DO H.M.S.O.
Fornecem informações bastante úteis na medida em que pretendem ser essencialmente práticos, mas nos quais já se passou para além de um conceito de função limitado.
- 14 - THE PERCEPTION OF THE VISUAL WORLD - Gibson
Embora já discutível e envelhecido este livro é ainda hoje muito sugestivo e faz parte dos livros considerados fundamentais por Gropius. Liga-se bastante às preocupações Bauhausianas.
- 15 - UNE TRADITION EUROPEENNE DANS L'HABITATION - Gianni Pirrone
Tentativa de encontrar valores comuns de tradição europeia com base em conceitos espaciais.
- 16 - LES METHODES DE RECHERCHE DANS LES SCIENCES SOCIALES - Colectivo
Fundamental como bibliografia de base para a elaboração de inquéritos.

281. Bibliografia apresentada por Pedro Vieira de Almeida no relatório relativo ao 1º período de trabalho (Out. - Dez. de 1964) da bolsa de estudo da Gulbenkian, com uma referência ao conteúdo de cada livro e uma justificação do interesse para o seu estudo sobre espaço e comportamento (no título, indicado como "estudo do espaço arquitectónico e ecologia"); data de entrada: 21 de Janeiro de 1965

4.2.2 - A participação no processo de desenvolvimento urbano, é apenas um dos aspectos da participação no processo de desenvolvimento global.

4.2.3 - A participação na arquitectura e no urbanismo é apenas um dos aspectos da participação no processo de desenvolvimento urbano.

- Nestas circunstancias

4.2.4 - Há que alterar o conceito de arquitectura: assim esta deve deixar de ser considerada como uma coisa que se constrói para passar a ser considerada um processo que ultrapassa o edifício. O edifício é apenas um momento de síntese provisória num fluxo de intervenção contínua sobre e a partir da sociedade.

4.2.5 - A arquitectura como processo não termina na construção, pode-se dizer que precisamente aí, a arquitectura começa. O que dá sentido à arquitectura-estrutura física, é a arquitectura-vivida, isto é, a utilização que da arquitectura física se faz.

ENCONTRO NACIONAL DE ARQUITECTOS
DEZ 69

PARTICIPAÇÃO LEIGA E TRABALHO DO ARQUITECTO NO DESENVOLVIMENTO URBANO

1. Embora no plano de participação (e aqui sobretudo) não seja possível ir muito longe sem que as próprias pessoas digam também como querem participar, parece importante sair desta reunião uma proposta ou um leque de propostas de actuação concreta.

2. Para que esta actuação necessária não corra o perigo de impedir por falta de esclarecimento, outras formas de actuação futuras, ou ainda que possa vir a bloquear a acção de retro informação que a própria prática venha a impor, convém perceber precisamente o campo e a profundidade em que a nossa acção directa é possível, e ao aceitar mos uma formula devemos saber com rigor o que deixamos para trás e por quê.

3. Para que as propostas não percam eficácia, devem basear-se numa análise quanto possível objectiva da situação concreta.

4. Assim propenho que para esclarecimento total das hipóteses nos perguntemos: quem deve participar, participar em quê, participar como.

4.1 - Quem deve participar

4.1.1 - A sociedade global é constituída por vários sub-grupos, e mesmo dentro de uma área urbana os sub-grupos coexistem com tensões mais ou menos consciencializadas e declaradas entre eles.

4.1.2 - Cada sub-grupo constitui-se como uma micro-cultura: Existe uma micro-cultura da pobreza com valores próprios, como existe uma micro-cultura da riqueza com outros valores, e existem grupos intermédios.

4.1.3 - Os valores culturais da micro-cultura do grupo dominante são os valores da sociedade global que define os outros como marginais.

4.1.4 - Quando falamos de recuperação, pedagogia e participação, arriscamos-nos a falar unicamente em impor aos grupos que não participam do poder, os valores e padrões de cultura do grupo de liderança.

4.1.5 - De aqui que a exigência de participação seja muitas vezes uma forma disfarçada de controle por parte da sociedade global em relação aos grupos alcunhados "marginais".

4.1.6 - De aqui que a não participação dos grupos alcunhados "marginais" tenha um valor indispensável que é o valor de recusa.

4.1.7 - Assim neste esquema de inter-relações sociais considero que se deve partir do principio que todos os grupos devem participar no desenvolvimento sem condescendência colaborante com os grupos do poder e sem condescendência paternalistas com os grupos alcunhados marginais.

4.2 - Participar em quê

4.2.1 - A participação não é restringível a um determinado campo. A participação sectorial só faz sentido se também estiver garantida em todos os outros sectores e a todos os níveis.

282. "Participação leiga e trabalho do arquitecto no desenvolvimento urbano" - comunicação de Pedro Vieira de Almeida ao Encontro Nacional de Arquitectos (Dezembro de 1969), com os pontos sobre "quem deve participar, participar em quê, participar como" desdobrados em várias alíneas

CONCURSO DE ESBOCETOS PARA A NOVA IGREJADE OLIVAIS/SULRELATÓRIO DO JÚRI

1. ACTA

- 1.1 - Em cumprimento do disposto pelo Regulamento do Concurso, o júri, constituído pelo P. Luís Maria dos Anjos Maurício, eng.º José Marques Murta, Paulo Loureiro Baptista, arq.º João José Malato (como representantes da Comissão da Fábrica da Igreja), P. Albino Manede Cleto, arq.º José Maya Santos (como representantes da Comissão Diocesana de Arte Sacra) e arq.º Diogo Lino Pimentel (em representação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado), reuniu nos dias 5, 12 e 13 de Fevereiro de 1970, para apreciação dos trabalhos apresentados a concurso e designação do seu vencedor.

- 9 -

2.6 - TRABALHO ESCOLHIDO

N.º 3 - arq.º Pedro Vieira de Almeida

Na vastidão de um bairro, propõe-se uma micro-estrutura que, noutra escala, realiza o que esse bairro não tem: carácter urbano. Nasce assim um oásis, isto é, um conjunto de instalações, dificilmente definível como edifício, vivendo por si próprio e por si próprio possibilitando uma maneira de viver. Não se trata de um edifício, mas fundamentalmente de uma estrutura que integra edifícios e espaços livres por ela própria articulados entre si. É a melhor resposta a um programa cheio de interrogações sobre o porvir, e simultaneamente muito definido ao pedir uma igreja sede de paróquia tal como hoje é. Este um dos pontos que terá motivado a sua escolha para ser realizado.

A estrutura que inter-relaciona os espaços ocupados e livres, é a mesma estrutura que se constitui em percursos e circulações interiores, e ainda a mesma que construtivamente suporta o conjunto.

A invenção é aqui um sistema e não uma forma. Sistema aberto, conduzindo a uma utilização interiorizada. A micro-cidade no interior de um bairro que se não consegue realizar como cidade, corre no entanto um risco: tornar-se "ghetto". De qualquer modo há sempre esse risco no construir-se uma igreja com seus serviços característicos. Caberá aos seus utentes "abrir-lhe as portas" recusando o "ghetto", ou realizar este, se as "portas se abrirem apenas para alguns".

De assinalar a naturalidade com que o sistema proposto integra os espaços para grandes e pequenas assembleias, ou os espaços livres e as instalações mais reservadas, os pontos de encontro e os pontos de passagem.

De assinalar também a multiplicidade de hipóteses de evolução das instalações permitida pelo mesmo sistema, a facilidade de faseamento na sua realização, a ampla liberdade de isolar ou ligar diferentes sectores.

./..

283. "Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais/Sul. Relatório do júri": páginas 1 e 9/10, com a constituição do júri e a argumentação do trabalho escolhido (Pedro Vieira de Almeida) com a data de 28 de Fevereiro de 1970

Sr. Vieira de Almeida
PORTUGAL

19 de junio de 1970

Querido amigo :

Estoy trabajando en temas de composición arquitectónica, preparando un curso para la Escuela de Arquitectura de Barcelona.

En este curso quisiera hacer una especial mención de tus trabajos sobre percepción del espacio, de los cuales conozco solamente uno sobre Siza Vieira, publicado en Hogar y Arquitectura.

¿ Podrias indicarme otros textos tuyos sobre este tipo de investigación ? Por otro lado, me interesaría también que pudieras darme alguna referencia de libros de otros autores, sobre esa misma línea. Concretamente yo conozco muy poco sobre Philip Thiel y me gustaría que me proporcionases alguna referencia.

Muy agradecido. Un abrazo de tu buen amigo.

OB/cm

Oriol Bohigas

284. Carta de Oriol Bohigas a Pedro Vieira de Almeida, pedindo referências para um curso na Escola de Barcelona em que pretende «fazer uma especial menção aos [seus] trabalhos sobre percepção do espaço, dos quais [conhece] apenas um sobre Siza Vieira, publicado em Hogar y Arquitectura»; refere também Philip Thiel, de quem diz conhecer pouco (19-6-1970)

UM GRUPO DE ARQUITECTOS CONTESTA RAUL LINO

Com pedido de publicação recebemos de um grupo de arquitectos a seguinte nota:

Um grupo de arquitectos, perturbados com as confusões e especulações suscitadas pelas homenagens em curso ao arquitecto Raul Lino, sentem-se na obrigação de dizer: Estranham que a Fundação Calouste Gulbenkian, devotada com raro brilho à promoção de grandes exposições de arte moderna portuguesa e estrangeira — exposições que culminaram com a extraordinária homenagem a Vieira da Silva —, passe a ocupar-se logo em seguida de um artista controverso e cuja obra não pode situar-se no plano e ao nível das obras anteriormente apresentadas.

Estranham e lamentam que na actual exposição e no catálogo que a acompanha, se tenham feito omissões e interpretações tendenciosas procurando uma valorização artificial — e nem sempre legítima — da obra do homenageado.

Estranham e lamentam que se venha apresentar Raul Lino como «um arquitecto moderno» quando, em rigor, ele devotou toda a sua vida à defesa de aspectos e valores do passado e ao combate intransigente à floração de uma arquitectura moderna portuguesa.

Estranham e lamentam, ainda, que em escritos e conferências integrados nas presentes homenagens, se tenha julgado necessário fazer confrontações desleais com obras de outros arquitectos, chegando-se ao ponto de achincalhar o trabalho de um grande arquitecto português como o foi, de facto, Ventura Terra.

Lamentam, finalmente, que o zelo obsessivo dos homenageadores tenha obrigado os signatários a este esclarecimento em vez de, como desejaríamos, se limitarem a cumprir o arquitecto Raul Lino pelos seus 30 anos e por alguns aspectos positivos da sua obra.

Assinam:
Alberto Rê e s Pinto, Arsenio Raposo Cordeiro, Luis Gonzaga Bronze, José Antunes da Silva, José Rafael Botelho, Francisco Keil Amaral, Artur Pires Martins, Antonieta Silva Dias, Carlos Roxo, A. Dinis Gomes, Francisco da Silva Dias, José Pacheco, Pedro Ferreira Pinto, José de Almeida Segurado, Orlando Jácome da Costa, Rui Marchante, José Lobo de Carvalho, José João Faria da Costa, Hernâni Gandra, Salustiano dos Santos, José Daniel Santa-Rita, Hélder de Almeida, Raul Corceiro, Jorge Ribeiro Ferreira Chaves, Vítor de Sousa Figueiredo, José Charters Monteiro, António Muñoz Cardoso, José Justino de Moraes, João Simões, Isabel

Maria C. T. Parda Monteiro, Manuel Moreira e Francisco Pires Keil Amaral.

• Comunicado de outro grupo de arquitectos

Também com pedido de publicação recebemos o comunicado que se segue assinado por outro grupo de arquitectos.

A exposição retrospectiva da Obra de Raul Lino patente ao público na Fundação Calouste Gulbenkian, motivou a presente tomada de posição por parte dos arquitectos signatários, e vinda a aos graves equívocos que ma-nifesta.

Ao evocar Raul Lino de forma historicamente isolada, separando a sua figura e a sua obra das várias gerações que o envolvem e evitando o respectivo confronto de um modo imparcial e sistematizado, incorre-se na adulação de um personagem pela separação con-

ceptual entre o homem e a sua prática sociocultural.

O immobilismo ideológico em que Raul Lino se situa e a reacção que sempre fez exercer nas gerações de arquitectos portugueses mais progressivos faz-nos repudiar a modernidade e a magistralidade que esta exposição pretende assinalar.

Pela inexistência em Raul Lino de uma procura rigorosa e metódica na História e na Arquitectura, que racionalizasse e tornasse a sua acção transmissível como conhecimento e pedagogia, resulta um absurdo recuperar essa acção em termos de actualidade.

Assinam:
Leopoldo C. de Almeida, Francisco Keil do Amaral, Mário Henriques Antunes, Fernando Ávila, Fernando Bagulho, José Rafael Botelho, Mário Jorge Bruxelas, Gonçalo Sousa Byrne, Bartolomeu A. Costa Cabral, Delfim Canas, Antó-

(Continua na pág. 18)

UMA RESPOSTA DE VIEIRA DE ALMEIDA AOS 35 ARQUITECTOS QUE CONTESTARAM RAUL LINO

Do arquitecto Pedro Vieira de Almeida recebemos o seguinte texto:

1 — Dois grupos de arquitectos entre os quais se situam alguns nomes por quem tenho muita consideração profissional e até amizade pessoal, enviaram para os jornais um abaixo assinado, em que referem a recente exposição de Raul Lino, na Fundação Calouste Gulbenkian, exposição em que tenho grande responsabilidade profissional ou próprio já que não só represento o grupo que concretamente a propôs à Fundação, como também enquanto arquitecto me encarreguei da análise crítica da obra de Raul Lino.

Os dois textos têm diferentes qualidades (muito melhor o segundo) sendo o primeiro um tanto incoerente pelo não excessiva formalização dos critérios de que se serve, o que o torna ao que me parece demasiado frágil, e pelo menos para mim, demasiado confuso.

A eles me refiro por ordem.

2 — Afirmam os 70 colegas do primeiro texto, a sua estranheza na exposição de um «artista controverso» como Raul Lino, e isso me espanta dado que sempre pensei que justamente se impõem exposições de todos os artistas controversos, até pelo simples facto de o serem: isto é, controversos.

Não haverá aqui por um lado uma certa complacência cultural supondo que uma sala de exposições, qualquer que seja, apenas deva apresentar artistas in-contravertidos?

Isso não implicaria reduzir as exposições, a acadêmicas exposições dos con-gratuados?

Não haverá por parte dos 70 colegas uma ideia um pouco hierárquica do que é uma exposição crítica de uma obra?

Estranham e lamentam os 70 signatários, «as omissões e interpretações tendenciosas, procurando uma valorização artificial (sic) e nem sempre legítima (sic) da obra do homenageado». Eu por mim, não posso senão estranhar e lamentar, que em relação a um estudo crítico (melhor ou pior) de uma obra, os colegas não aduzam argumentos contra, argumentos até — e porque não — demolidores dessa valorização «artificial» e «nem sempre legítima». Estas coisas quando uma pessoa se escandaliza e perturba, é necessário dizer porquê, senão resultam um pouco chochos, escândalo e perturbação.

E de resto, estão realmente os colegas convencidos de que existe um critério de valorização natural? Também ali onde os colegas escrevem «legítimo», na frase: «e nem sempre legítima», eu preferiria escrever «coerente», porque aqui um critério de legitimidade me parece menos próprio. Mas de qualquer maneira seria necessário provar o que se afirma, claro está.

Mas os colegas estranham mais, e estranham que Lino seja apresentado como «arquitecto moderno» quando em rigor ele devotou toda a sua vida à defesa de aspectos e valores do passado e ao combate intransigente à floração de uma arquitectura moderna portuguesa.

Para que se possa fazer uma obra de arquitectura feita ao longo de uma vida correspondem também a uma prática social, significando desvios e acertos, avanços e recuos?

Não acham sinceramente que considerar a «reacção que sempre fez exercer nas gerações de arquitectos por-

tos e valores do passado e ao combate intransigente à floração de uma arquitectura moderna portuguesa».

Parece aqui portanto que os colegas sabem «em rigor» como as coisas se passaram, e sobre elas têm juízos definitivos; pena tenho que o não tenham explicado, porque tendo eu afirmado no meu texto algo diferente, baseado em argumentos melhor ou pior firmados nos expedientes do meu trabalho, o máximo prazer, em ver corrigidos os meus pontos de vista. Mas assim, é evidente que se perante uma análise crítica que eu fiz, os setenta colegas batem o pé e dizem que sabem que assim não foi, porque não e porque não, não há a mais pequena possibilidade de esclarecimento nem ninguém ganha com isso.

Quando a achincalhar o trabalho de Ventura Terra, peço desculpa, mas têm de facto de me provar onde no meu texto esse vexame se verifica, e eu desde já prometo escrever-me e corrigir as minhas hipotéticas ofensas à obra do arquitecto Ventura Terra.

Mas se o não provarem, desculpem ainda, mas ficarei crente que a vossa leitura do trabalho foi um tanto superficial e desatenta, e to superficial a vossa perturbação extemporânea e um pouco leviana.

De resto, os 70 colegas não me parece terem lido a introdução do meu texto, que explica porque lhe dou o título de «Raul Lino arquitecto moderno». Ai eu explico que não se trata de uma tentativa de classificar uma pessoa — Raul Lino — mas de uma tentativa de «interpretações tendenciosas» segundo o critério que eu há de possível modernidade na sua obra. Crio insinuar-se na vossa estranheza uma restia de pensamento categorial, de que vos supunha livres.

Confesso que ao escrever o texto sobre Raul Lino eu esperava uma polémica, que achava e acho necessária, mas não posso escondê-la também, que não esperava a fragilidade das vossas estranhezas e atitudes. Aqui pequei eu por ingenuidade.

3 — O segundo comunicado assinado por 65 colegas, é bastante mais bem feito, mais elaborado, mais crítico mas mesmo assim não me parece, nem muito coerente, nem muito lógico.

Desde logo me espanta que os signatários considerem que se deveria ter proposto na exposição um confronto «imparcial e sistemático».

Pois não acham que numa exposição crítica, um confronto imparcial é uma contradição nos termos?

Pois não está claro, que se não pretendia fazer a história de arquitectura, mas referir a coerência interna e as propostas passíveis de modernidade numa obra que «está ali»?

Não será verdade que os elementos críticos de toda uma obra de arquitectura feita ao longo de uma vida correspondem também a uma prática social, significando desvios e acertos, avanços e recuos?

Não acham sinceramente que considerar a «reacção que sempre fez exercer nas gerações de arquitectos por-

tingueses mais progressivos como prova ou não de omissão ou de outra coisa qualquer, é pelo menos simplista no plano crítico?

De facto se se considera necessário fazer uma qualquer obra de arte, parece em princípio que ou ela não teria tido a leitura devida na altura própria, ou que a leitura que dela se teria feito, já não correspondia à actual que ela seja, actual que se pretende. Logo aqui o absurdo crítico de repudiar criticamente uma obra, com o argumento de que a geração imediata que a criou a reagiu. E depois isto prova o quê?

No entanto a maior incoerência deste texto parece-me residir no dizer-se que em Raul Lino não há uma «procura rigorosa e metódica na história da arquitectura que racionalizasse e tornasse a sua acção transmissível como conhecimento e pedagogia» de que portanto resultaria «absurdo recuperar essa acção em termos de actualidade».

O problema está em que essa releitura, feita em termos necessariamente de actualidade, pode de facto dizer se existe ou não uma tentativa em Raul Lino de racionalização que tornasse a sua acção transmissível a sua época de conhecimento e pedagogia. Não creio que haja outro processo. Tudo o mais seria apriorístico obscurantista, e afinal, improprio de arquitectos que procuram pensar em termos não absurdos.

4 — Nestes dois textos uma característica comum: ambos põem em causa a integridade dos (meus) critérios — o primeiro fala de «interpretações tendenciosas» e segundo suspeita de se evitar o «respectivo confronto».

Perante isto, permitam-me os colegas que não devolvam nenhuma das atitudes porque de forma alguma ponho em causa a vossa honestidade; mas terei necessariamente, sob risco de aceitar as vossas comunicações, de pôr em causa a vossa maturidade pelo menos profissional.

5 — Deixando estes aspectos menos agradáveis eu refiro-me aos 70 + 65 signatários; que sempre esperem — e está escrito no texto — que se levantasse polémica acerca da releitura da obra de Raul Lino. Nunca esperem que o tom fosse esse: os colegas impugnam: apaixonado e incriticado.

O que a mim me interessa discutir — e isso vos proponho como temas possíveis — é a função da crítica, conceitos de modernidade, leitura e recriação, consumo da obra de arte, para dar alguns exemplos; e por outro lado independentemente da discussão teórica interessar-me-ia também que se organizassem exposições de obras de outros arquitectos, e se fizesse esforço idêntico ao agora feito em relação a Raul Lino para os entender e explicar, como condição necessária e complementar do entendimento da sua época.

Esta era a polémica que eu supunha dever levantar-se; e assim parecia-me que valeria a pena o fazer.

Talvez os 70 + 65 colegas queiram repensar no assunto e talvez ainda se esteja a tempo. Porquê não?

285. 286. Abaixo-assinados contra a exposição de Raul Lino na Gulbenkian e resposta de Pedro Vieira de Almeida, publicados n' A Capital de 21-11-1970 e de 24-11-1970

3.

In spite of these comments we still think that this scheme is capable of providing the most satisfactory short term and long term solution.
Scheme N° 461538.

This scheme is a small scale solution. It depends on intimate small courts and spaces and simple buildings. This is shown in the detailed design for the first stage. The future centre is well related to the existing road and the coast and it is very well placed in relation to the developing surrounding areas. Within this centre there is a good mixture of uses. There is no doubt at all that the first stage could be built: The centre would be in a favourable position and the future extension of the town would take the form of further small groups of buildings based on a Radburn principle of car access from one side and pedestrian open space leading to waterways on the other.

Much of the planning is not specifically related to the harbour. There is no strong impact to suggest any special form of tourist city and much would depend on the development of interesting architecture.

2.

Since we can not satisfy ourselves that any single scheme meets completely both these requirements, we unanimously agree that we can not make an award of the first prize involving both a building contract and a longer term strategy. We nevertheless feel that we can express our views and make awards which recognise that one scheme is capable of being developed to meet both these conditions and that other schemes have merits which should be recognised.

We recommend that the first award carrying with it the commitment to a building contract should not be made. We think that the sum available for the first prize should be added to the other prizes awarded (as permitted under the conditions) and that this total should be divided on the following basis:

2 nd Prize:	N° 122333	- Esc: 400,000\$00
	N° 461538	- Esc: 300,000\$00
Mentions:	N° 654321	- Esc: 100,000\$00
	N° 246531 246531	- "
	N° 112358	- "
	N° 630986	- "
	N° 663399	- "

Our comments are as follows:

Scheme N° 122333

We unanimously agree that this scheme offers the greatest possibility of creating an imaginative new form for a town centre based on the tourist industry. The imagination is built into the total layout. There is a good integration of town functions throughout the whole area. The project offers the possibility of a total centre built around canals and water transport connecting to the main harbour. Nevertheless it could be built in stages and each stage could be capable of accepting changes required by time without damage to the central idea.

The principle of establishing a framework which structures future development without conditioning it, has much historical precedent. The framework in this case is the imaginative contribution and as more of it is built the city becomes richer. The canals and the waterfront buildings could be constructed by stages and at each stage the city could be a reasonably complete entity.

What we question in this scheme is the staging. It may not be viable to build the main infrastructure as Stage 1. It might be better to build in the area between the harbour and the coast where there are no problems, and then to build the main central area by stages. These are matters which we think require further study. We also think that the hydraulic problems of the canals and water levels and the integration of these with the road system requires much more technical study.

287. "Vilamoura International Competition. Report of the Jury - Feb. 1972", p.2 e 3/7: distribuição de prémios e menções, com dois 2º lugares não ex-aequo para os projectos n° 122333 - Pedro Vieira de Almeida - e n° 461538 - Eric Lyons -, e comentário ao projecto de Pedro Vieira de Almeida (ass.: Leslie Martin, Johnson Marshall, José Rafael Botelho, Ralph Rapson, John Alpass, Nuno Portas, Carlos Manuel Ramos, Celestino da Costa (?) e Oriol Bohigas)

O Prémio Valmor 1967 (o 35.º desde que foi instituído) foi atribuído a um edifício igual a mais cinco já construídos em Lisboa

PÁGINA CENTRAL

Os arquitectos Nuno Teotónio Pereira e António Pinto de Freitas conquistaram o Prémio Valmor-1967

O projecto de um prédio de oito pisos concebido em moldes pouco vulgares para um bairro de habitações ditas económicas valeu a dois arquitectos de Lisboa o «Prémio Valmor 1967». O galardão refere-se ao edifício da Rua General Silva Ferreira, 55 — Olivais Norte.

Foram autores os arquitectos Nuno Teotónio Pereira e António Pinto de Freitas, que, durante muito tempo, fizeram equipa. Presentemente, este último tem-

se dedicado em especial a problemas urbanísticos. Na elaboração (em 1959) do projecto premiado colaborou, também, ao tempo ainda arquitecto estagiário, Nuno Portas.

— O projecto foi-nos encomendado em 1958 pela Câmara Municipal de Lisboa que já construiu três prédios destes, e fornece o projecto a cooperativas para outras tantas construções, todas situadas nos Olivais Norte. A cooperativa «O Lar Familiar»,

proprietária do imóvel a que o prémio se refere, não cabe qualquer mérito.

Este prédio foi premiado porque foi aquele cuja construção ficou concluída em 1968 — de acordo ao «Diário de Lisboa» o arquitecto Nuno Teotónio Pereira.

Na elaboração dos projectos, os autores tiveram como ideia fundamental o agrupamento dos apartamentos em torno de uma zona de escadas, ascensor e patim excepcionalmente ampla. Em vez de um patim estreito como é corrente, a estrutura tem uma zona de escadas aberta para o exterior, através de sucessivas varandas, verdadeiro ponto de encontro e de convívio dos diferentes moradores.

O tratamento dado a certos elementos das paredes é mais vulgar em prédios de luxo do que em edifícios de 3000 contos, como é o caso deste.

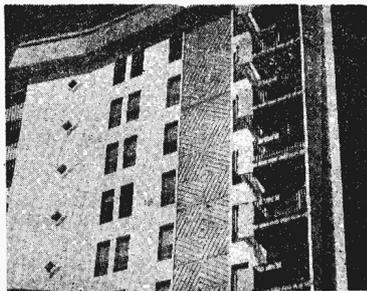
— Esta orientação é visível no tratamento escultórico, com motivos em baixo-relevo no exterior e, também, na zona da escada acrescentou Nuno Teotónio Pereira.

A ideia era dar certa dignidade ao ambiente das edificações económicas, quer pela largueza dos espaços de acesso, quer pelo tratamento artístico.

Os seis edifícios construídos segundo o projecto agora premiado contam 32 habitações espalhadas ao longo de oito pisos,



Rua General Gomes Freire, n.º 55 e 55-A. O prédio ficou para a história da arquitectura portuguesa



Os baixos-relevos exteriores integram-se numa orientação pouco comum para bairros de habitações económicas.

encimados por um amplo terraço. — Gostaria de salientar o papel desempenhado no projecto pelo meu colega Nuno Portas. A sua colaboração foi importante. E só não o assinou por ser, à data, estagiário.

Trinta e cinco edifícios (em 66 anos) foram galardoados com o Prémio Valmor

O Prémio Valmor foi instituído pelo 2.º visconde de Valmor, Fausto de Queiroz Guedes, falecido em Paris em 1898. Deixava no seu testamento, entre várias doações culturais e artísticas, a reza para ser atribuído anualmente um prémio ao arquitecto de edifício que valorizasse esteticamente a cidade de Lisboa.

Desde 1902 até hoje, muitos anos houve em que o prémio não foi atribuído. Ao todo 35 prédios foram distinguidos com ele. São os seguintes:

- 1902 — Prédio da Avenida da Liberdade, torção para o Salitre (onde se encontra hoje a Embaixada de Espanha), sendo o traço do arquitecto Nicola Bidaglia.
- 1905 — Rua Alexandre Herculano, residência do próprio arquitecto Miguel Ventura Terra.
- 1906 — Na Avenida 5 de Outubro, Casa Malhoa. Arquitecto Norte Júnior.
- 1906 — Prédio na Avenida da República, propriedade da Viscondessa de Valmor, esqum para a Av. Visconde de Valmor. Arquitecto Ventura Terra.
- 1907 — Prédio da Av. Duque de Loulé, de Ernesto Kempis, já demolido para erguer outro prédio. O arquitecto foi António Costa.
- 1908 — Prédio de Almirante Reis, 2, esqum do Intendente. Arquitecto Adão Bermudes.
- 1909 — Rua Marques de Fronteira, moradia do Monteiro de Mendonça. Arquitecto Ventura Terra.
- 1910 — Av. Fontes, 30. Arquitecto Ernesto Korrodi.
- 1911 — Prédio da Rua Alexandre Herculano, 25. Arquitecto Ventura Terra.
- 1912 — Prédio da Alameda das Linhas de Torres, 22. Arquitecto Norte Júnior.
- 1913 — Av. da República, 23. Arquitecto Miguel Nogueira.
- 1914 — Avenida Fontes, 38. Arquitecto Norte Júnior.
- 1915 — Av. da Liberdade, 280-218. Arquitecto Norte Júnior.
- 1916 — Rua Tomaz Ribeiro, 58-60. Arquitecto Miguel Nogueira.
- 1917 — Rua Viriato, 5. Arquitecto Ernesto Korrodi.
- 1918 — Av. Duque de Loulé, 47. Arquitecto Álvaro Machado.
- 1921 — Cova da Moura, 1. Arquitecto Terribiano Marques.

- 1922 — Av. da República, 49. Arquitecto Pardo Monteiro.
- 1927 — Av. da Liberdade, 176-180. Arquitecto Norte Júnior.
- 1928 — Calçada de Santo Amaro, 83. Arquitecto Pardo Monteiro.
- 1931 — Rua de Infantaria 16, n.º 92. Arquitecto Jacobetty Rosa e Reis Camelo.
- 1938 — Igreja de Fátima, na Av. de Berna. Arquitecto Pardo Monteiro.
- 1939 — Avenida Columbano Bordallo-Pinheiro, 52. Arquitecto Rebelo de Andrade.
- 1940 — Av. da Liberdade, 286. Edifício do «Diário de Notícias». Arquitecto Pardo Monteiro.
- 1942 — Rua da Imprensa, 25. Arquitecto Reis Camelo.
- 1943 — Av. Sidónio Pais, 8. Arquitectos Rodrigues Lima e Fernando Silva.
- 1944 — Av. Pedro Álvares Cabral, 57. Arquitecto Luis Cristiano da Silva.
- 1945 — Av. Sidónio Pais, 14. Arquitecto Reis Camelo.
- 1946 — Av. Cassil Ribeiro, 12. Arquitecto Fernando Silva.
- 1947 — Rua de S. Francisco Xavier. Arquitecto Jorge Segurado.
- 1948 — Rua de Artilharia Em, 105. Arquitecto Alberto Simões.
- 1950 — Rua Duarte Pacheco Pereira. Arquitecto Alberto Pessoa.
- 1950 — Av. Marechal Gomes da Costa, Edifício do Instituto Pasteur. Arquitecto Carlos Manuel de Oliveira Ramos.
- 1962 — Rua Almirante António Saldanha, 44. Arquitecto F. Keil do Amaral.
- 1967 — Rua General Silva Freire, 55. Arquitecto Nuno Teotónio Pereira.

Temos assim 34 arquitectos distinguidos com o Prémio Valmor, alguns deles em colaboração. Desses 34 arquitectos onde se contam nomes grandes da arquitectura portuguesa deste século, 7 obtiveram o Prémio Valmor por mais de uma vez. São eles: Ventura Terra, distinguido quatro vezes, Norte Júnior que o obteve cinco, Pardo Monteiro, também com quatro prémios, Reis Camelo que obteve 3 vezes, uma delas em colaboração, e Ernesto Korrodi, Miguel Nogueira e Fernando Silva que o obtiveram duas vezes cada um, este último uma delas em colaboração.

288. Notícia da atribuição do Prémio Valmor às “torres” de Olivais Norte: titular da 1ª página e corpo da notícia na página central do *Diário de Lisboa* de 10-8-1968, onde Nuno Teotónio Pereira salienta o papel desempenhado no projecto por Nuno Portas: «a sua colaboração foi importante. E só não o assinou por ser, à data, estagiário»

A CAPITAL

Ano 11 (2.ª Série)
N.º 461 — 1969
Quarta-feira
4 de Junho
Preço 1500

Director: NORBERTO LOPES Director-Adjunto: MARIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 TELEFONES: 30453/30456/30457/30031 SERVIÇO GRAFICO: A CAPITAL TELE: 1928



A urbanização dos Olivais foi hoje apreciada pelo Presidente do Conselho

As modernas e funcionais zonas habitacionais dos Olivais, que por decisão da Câmara Municipal de Lisboa se têm erguido na zona ocidental da cidade, foram esta manhã visitadas pelo Presidente do Conselho, que teve ocasião de apreciar em primeira mão os seus planos, os limites da cidade de Lisboa ficariam atingidos no que

dade para otenia mil pessoas. Uma vez executados os actuais planos, os limites da cidade de Lisboa ficariam atingidos no que

(Continua na pág. 16)

Durante a demorada visita que fez, esta manhã, ao vasto bairro dos Olivais — em pleno crescimento na periferia de Lisboa — o Presidente Marcello Caetano interveiu dos mais pequenos apontamentos respeitantes às condições de habitabilidade dos blocos residenciais e de outras obras, tal como a piscina, junto da qual o nosso fotógrafo fixou o Chefe do Governo, ladeado pelo ministro das Obras Públicas e pelo presidente da C. M. L.



Aspecto general de las torres en el conjunto de Olivais-Sul. Se trata de un barrio social en las proximidades de Lisboa, del cual en este número se publica únicamente el edificio puntual.




3 VIVIENDAS ECONÓMICAS EN OLIVAISS-SUL. LISBOA

Arquitectos proyectos: B. Costa Cabral, N. Portas. Arquitectos directores: N. Portas, José Mendes. Torres de Vite-Ingenieros estructuras: Bul Samito. Proyecto: 1966-Realización: 1963-68.

El bloque que se publica pertenece a un conjunto de viviendas social promovido por el Ayuntamiento de Lisboa. La idea de proyecto fue lograr una torre abierta como alternativa al objeto usual "hermético" en que lo ha convertido la tradición moderna. La columna de acceso dejó en cada piso un espacio semicircular, cubierto de los vientos dominantes, dedicado a lugar de convivencia para los vecinos de cada planta. Se pensó posteriormente que tal vez hubiera sido preferible una repetición menos frecuente dando un solo recinto común para cada dos pisos. La planta ofrece cocina-comedor abierto a fachada, al tiempo que articulada con el cuadro de estar inmediato. Este recinto se divide en dos zonas diferenciadas por su trazado y su espacio se caracteriza por un cierto dinamismo con un cierto sentido centrífugo.

El estado de la industria en el país aconsejó un planteamiento constructivo de carácter marcadamente artesanal partiendo de una estructura de hormigón armado y muros macizos de albañilería. También se establecieron unas instalaciones estructurales (ver página 37) según los sugerencias de Torroja, para estructuras antisísmicas.

Los muros de cerramiento de ladrillo van provistos de cámara de aire, y entre forjado y suelo se sitúa un aislante acústico.

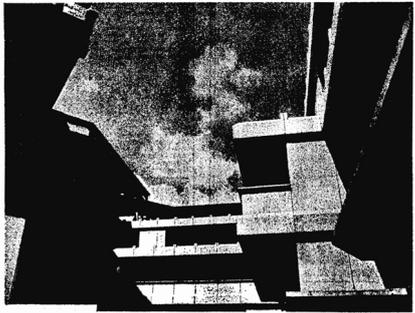
289. Notícia da visita de Marcelo Caetano ao recém construído bairro de Olivais Sul na 1ª página d' *A Capital* de 4-6-1969, com fotografia das torres de F. Gomes da Silva em primeiro plano e a intervenção de Nuno Portas e B. Costa Cabral em pano de fundo

290. Publicação do "edifício-torre" da célula C de Olivais Sul (Portas e Costa Cabral) na revista da Obra Sindical del Hogar dirigida por Carlos Flores (*Hogar y Arquitectura* n.º 62, Madrid, Janeiro / Fevereiro de 1966)

DIÁRIO DE LISBOA 19 JUNHO 1970 PÁGINA 7

uma aventura em betão

Igreja do Sagrado Coração de Jesus construída pela ENGIL uma empresa que se afirma na qualidade e diversidade do que realiza



ENGIL sociedade de construção civil s.a.r.l. AVENIDA ELIAS GARCIA 102 - 6º LISBOA 1

ENTREVISTA COM O ARQ.º DIOGO PIMENTEL

Mais um sistema aberto do que um edificio fechado

A propósito da recente inauguração da nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o arquitecto Diogo Lino Pimentel, director de Actividades da Nova Sociedade de Edificação, teve ocasião de responder a algumas perguntas que se lhe fizeram. A seguir, o texto da entrevista.

— Como é esta nova igreja? — É uma igreja de betão armado, com um sistema aberto de estrutura, que se adapta ao terreno e ao meio envolvente. É uma igreja que se integra no meio urbano, e que também se adapta ao meio natural.

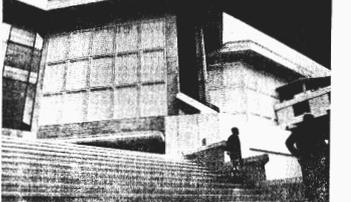
— Como é o sistema aberto? — É um sistema de estrutura que se adapta ao terreno e ao meio envolvente. É uma igreja que se integra no meio urbano, e que também se adapta ao meio natural.

— Como é o sistema aberto? — É um sistema de estrutura que se adapta ao terreno e ao meio envolvente. É uma igreja que se integra no meio urbano, e que também se adapta ao meio natural.

— Como é o sistema aberto? — É um sistema de estrutura que se adapta ao terreno e ao meio envolvente. É uma igreja que se integra no meio urbano, e que também se adapta ao meio natural.

DIÁRIO DE LISBOA 26 JUNHO 1970 PÁGINA 9

Poderemos ficar com a consciência tranquila?



A nova Igreja do Coração de Jesus custou 40 mil contos

Poi há dias a inauguração de mais um templo sagrado, mais um dos muitos templos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, do qual se tem conhecido o equipamento exterior de Diogo Lino Pimentel, mas não se sabe nada do que se passou no interior. É um templo que custou 40 mil contos, e que se encontra em fase de conclusão. Mas o que se passou no interior? Poderemos ficar com a consciência tranquila?

— Poderemos ficar com a consciência tranquila? — Poderemos ficar com a consciência tranquila, se o templo for construído com materiais de qualidade e se o sistema de estrutura for adequado ao terreno e ao meio envolvente.

— Poderemos ficar com a consciência tranquila? — Poderemos ficar com a consciência tranquila, se o templo for construído com materiais de qualidade e se o sistema de estrutura for adequado ao terreno e ao meio envolvente.

— Poderemos ficar com a consciência tranquila? — Poderemos ficar com a consciência tranquila, se o templo for construído com materiais de qualidade e se o sistema de estrutura for adequado ao terreno e ao meio envolvente.

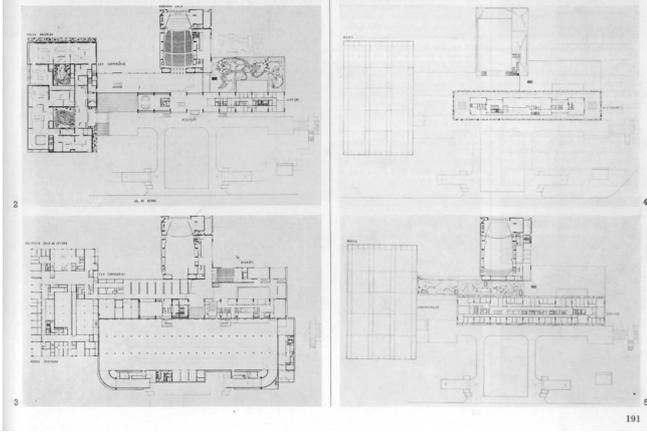
- 291. Anúncio da construtora Engil lançado por ocasião da inauguração da 1ª fase da Igreja do Sagrado Coração no Diário de Lisboa de 19-6-1970
- 292. Página de opinião sobre a Igreja do Sagrado Coração, com depoimento de Diogo Lino Pimentel (SNIP) a defender o projecto e artigo de opinião a criticar o gasto da obra (s/a), publicada uma semana depois da inauguração no Diário de Lisboa de 26-6-1970



FOUNDATION TREAT

Stifled by the British in an act of bureaucratic filiofil, Calouste Gulbenkian eventually settled in Lisbon and left the bulk of his worldly goods to the grateful Portuguese. The Foundation bearing his name has been given a handsome new building, 1, designed by Alberto Pessoa, Roy Athouguia

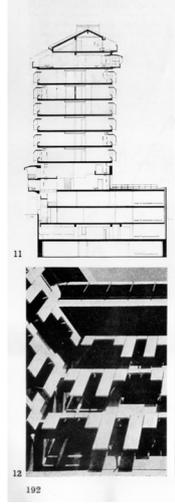
and Pedro Cid (with Sir Leslie Martin, Franco Albini, Carlos Ramos, Kall do Amaral and William Allen as consultants), which was opened in 1969 exactly 100 years after Gulbenkian's birth. Pleasantly situated in the Santa Gertrudes Park in Lisbon and on a sloping site, it consists in its visible form above ground level of three distinct masses—a 4-storey administration building, an auditorium and a 2-storey museum and library. But as the plans show, 2-5, there is more to it than that. In front of the administration building is an underground car park on two levels, 3, and behind it is an exhibition gallery and conference suite. The plans also show how the garden continues up the building in steps, from the park proper to the sculpture court on the roof of the conference suite, 2, to the roof over the gallery, 5, and to the balconies of the administration building which ends at the top in a floor of restaurants and terraces, 4. With its origins in the Dessau Bauhaus, the free yet balanced asymmetry of the blocks places this building firmly in the mainstream of the Modern Movement. Formal relationships combine with functional ones. Thus the main entrance at street level is on the axis of the auditorium, while the cross-axis—the long exhibition gallery—links



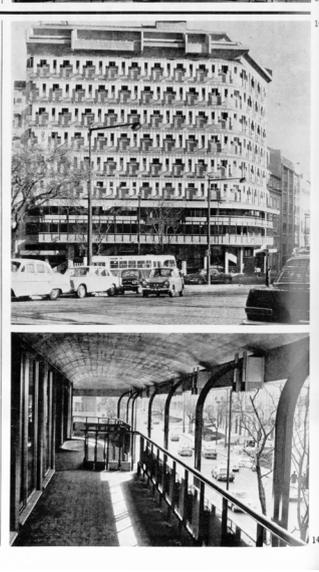
FOUNDATION TREAT
The sloping ground is used to provide the conference suite (seen in 1) and the library below the museum, 6, with direct access to the garden. Exhibits are seen almost entirely by artificial light both in the exhibition gallery, 7, and in the museum, 9. The auditorium, 8, seats 1200 people and is single-rake except for a shallow gallery. It has a stage with movable walls and floors. The acoustics are adjustable by means of a sound-reflecting panel suspended from the ceiling, and the back wall of the stage can take a similar panel, a mirror screen, a cyclorama, a curtain or remain a picture window with a view on the lake and open-air amphitheatre. The structure, of in situ reinforced concrete with prestressed and precast elements, is designed to resist earthquakes. The building incorporates the most sophisticated mechanical installations, which is one reason no doubt why it took five years to complete.



BRIGHT SPEC



Another admirable building, also in Lisbon, is a speculative commercial block for offices and shops in the Rua Bramcamp, 10, by Nuno Teotónio Pereira, in collaboration with João Brando Reis, João José Malhoa and Rómulo Pinto da Silva. The deeply undercut lower and upper floors, 11, express the different functions—shops and snack-bars on the bottom four, restaurants and a porter's flat on the top two. In the middle are six floors of offices with curious sun-shades, not a flake pattern of adjustable roller blinds as one might think, but permanently fixed precast elements, 12. The entrance to the two floors of shops is at split level, 13 and see in 11, and circulation on the bottom four floors is open but under cover. The detailing here, seen in the balustrading and light fittings of the snack-bar balcony, 14, has a strong 1930 flavour.



QUANTOS EDIFÍCIOS SURGIRAM EM LISBOA NOS ÚLTIMOS ANOS...



1 Com o retirar dos tempos surgiu ao público lisboite o último e dos mais notáveis casos de arquitectura marginal (1).
Para extremamente notável não só em si como por demonstrar mais uma vez que apesar de tudo é possível, mesmo sujeito a especulação, criar obras pelo menos dignificantes da cidade e orgão culturalmente sobre a população.
Uma crítica não deveria de pôr em causa a incorporação que os projetos tradicionais têm para os o falo a indivíduos desses mesmos locais.
Interessa aqui apenas tentar localizar o que este edifício pode significar culturalmente numa cidade o segue.
Originalmente as suas razões são as mesmas de um Edifício Anzó (2) investimento num produto de larga procura com bases especulativas.

2 Nenhum deles presuppõe finalidades culturais ou sociais.
No edifício da Rua Castilho (1) porém, a finalidade especulativa está encerrada numa fachada que desligando-se do seu interior adquire significado cultural urbano. A fachada, mais que elemento do interior, contém a cidade, isolando-a de especulação, remetida esta ao vazio dos andares.
Nasce em relação a este estúpido edifício-fachada o seu alto sentido urbano, o reconhecimento de uma existência com certo integrado, a proposta poética de um certo estilo de habitar a rua.
Este é um dos tais edifícios que pontuam a cidade de momentos de esperança — que no âmbito da sua existência possam ser ultrapassados, que o seu marginalismo deixe de ser.

3 É com tristeza que perguntamos quantos edifícios surgiram em Lisboa nos últimos anos melhores que o Edifício Gulbenkian (3).
E é com tristeza por causa da sua correção, tem a sorte do mesquinismo.
Arquitetura de série, distingue-se por um certo preço de fabrico — e pela moldura revelada.
Mas que aquilo que é, curta aquilo que poderia ter sido. Oportunidade perdida, como o foi o que o uma escola que empenha toda a cidade, não parecia local.

4 Quantos edifícios surgiram em Lisboa nos últimos anos melhores que o Edifício Gulbenkian?
E é com tristeza que o perguntamos porque lhe reconhecemos uma boa intenção de figurar o facilmente monumental, de não exceder o humano — de não ferir a cidade — a que não disto do Edifício Anzó ou do Palácio da Justiça — intenção que foi porém servida por um figurino já demasiado comprovado no estrangeiro que não levanta problemas. A arquitectura não admite ser-se excessivamente cauteloso — com o diácono da Gulbenkian até era possível correr riscos!
É com tristeza que somos levados a perguntar quantos edifícios surgiram em Lisboa nos últimos anos.

293. 294. “O Franjinhas”, antes da campanha dos “mamarrachos” no *Diário Popular*: publicação conjunta com a sede e museu da Fundação Gulbenkian (*Architectural Review* nº 889, 1971) e a ilustrar a pergunta do *Jornal de Letras e Artes* (nº 270, 1969) *quantos edifícios surgiram em Lisboa nos últimos anos... melhores que o edifício Gulbenkian?* «Notar em relação a este estúpido edifício-fachada o seu alto sentido urbano, a simultaneidade de coisa identificável com coisa integrada, a proposta poética de um certo estilo de habitar a rua» (s/a)

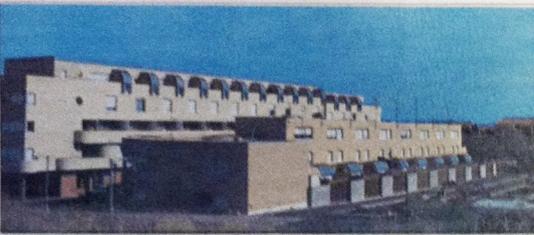
...MELHORES QUE O EDIFÍCIO GULBENKIAN?

cidade **atual**

A nova cruzada de Abecasis

Acumulando a presidência da Câmara de Lisboa com a presidência da EPUL, Nuno Abecasis declara partir em guerra contra as «brincadeiras arquitectónicas» e os «edifícios tipo Restelo». Uma nova polémica está aberta

Maria José Mauperrin



«STO não sou para os atores. Fui para a direcção de Nuno Abecasis, seguindo da sua tomada de posse como presidente do Conselho de Administração da EPUL (Empresa Pública de Urbanização de Lisboa), com o que comentei, apenas algumas declarações de intenções que fiz a alguns jornalistas. Essas declarações, sobre o apoio do município, referiram-se, sobretudo para alguns técnicos de arquitectura, como «brincadeiras», «arrastões» e «são os tipos que foram ditos, portugueses e estrangeiros».

De facto, não vou para ser de outra maneira. E só não o fiz porque o ex-vice presidente da Câmara Municipal de Lisboa e actual presidente da EPUL, ao recusar-se a prestar-me declarações, mostrou-me que «EXPRESSIONE, só o café».

Desde então, correndo o risco de serem entendidas como reflexionistas, as afirmações do chefe da edilidade vão sendo por seu mesmo ou seja, pelos ex-terços que delas se constroem.

«Quando o engenheiro Abecasis declara publicamente que não vai fazer mais edifícios tipo Restelo, não está brincadeira arquitectónica», ou diz que pretende se desenvolver com as brincadeiras de outros países, ou seja, com o mesmo tipo de arquitectura que a arquitectura acaba sempre por reflectir a situação do arquitecto, mas reflecte igualmente a eficácia ou incompetência da máquina que está por detrás dele. Acho de uma grande irresponsabilidade acusar apenas os arquitectos, examinando toda esta máquina. Da meu ponto de vista, não sou eu a brincar às brincadeiras».

«Total impunidade»

Gonçalo Byrne considera também que as declarações do presidente da CML não podem ser apenas acérrimas como uma das muitas, abstracções que caracterizam o comportamento do actual presidente da EPUL, «se o engenheiro Abecasis faz esta maneira dos indícios, dos engenheiros ou dos advogados, as respectivas Dadas já teriam agido no sentido de lhe exigir responsabilidades pelas suas declarações. Quando ele ataca a arquitectura e consequentemente os seus técnicos, ele sabe muito bem o que pode fazer na quase total impunidade», considera.

Essa apontada impunidade advém, por um lado, do facto de a Associação dos Arquitectos não ter ainda conseguido impor um estatuto semelhante ao de uma Ordem dos Médicos e, por outro, da circunstância de esta classe profissional «iver estatutária» por um decreto-lei anacrónico, que permite que os trabalhos de arquitectura possam ser assinados por técnicos de mais diversas áreas.

Assim, contrariamente ao engenheiro, ao advogado ou ao médico, o arquitecto parece

possíveis, que acabam por impedir que esses projectos fossem todos construídos. Na nossa perspectiva, na fase a seguir ao 25 de Abril, as condições económicas existentes seriam permitidas, com facilidade, a venda de todos os fogos a classe média que, nessa altura, ainda tinha capacidade de compra. Além disso, como exemplo disso na chamada zona piloto, venderam-se cerca de 150 unidades, sem dificuldades, exactamente a esse estrato social.

«Casas muito grandes»

Quanto às declarações do engenheiro Abecasis de que um edifício tipo Restelo, além de serem caros, são maus, Teotónio Pereira responde: «Os projectos do Restelo respondiam perfeitamente à situação da época, mas já não respondem às exigências actuais. Não porque sejam maus projectos, do ponto de vista da arquitectura, mas porque têm casas muito grandes. E sobretudo por isso que hoje não servem».

Pedro Botelho, embora considere que essa altura os projectos não eram uma solução, também admite que, 14 anos depois, devido à tendência de reconstrução, eles tinham de ser reavaliados. «Mas não se pode criticar um projecto que foi feito antes da primeira crise petrolífera, antes de 1973, com a duplica de preços. Seria como alguém vir agora dizer que não se justificava que se fizesse um Terreiro do Paço Real. Ainda que historicamente 14 anos seja um período muito curto, em termos de tempo, não se pode ignorar que, ao nível das alterações, da estrutura social e económica do país, foi enorme».

Respondendo à crítica de Abecasis sobre o elevado preço das construções do Restelo, Teotónio Pereira insiste que isso se deve fundamentalmente «às grandes áreas dos fogos».

Pedro Botelho considera que uma das questões a ter em conta é, sobretudo, a alteração completa do processo de financiamento das obras.

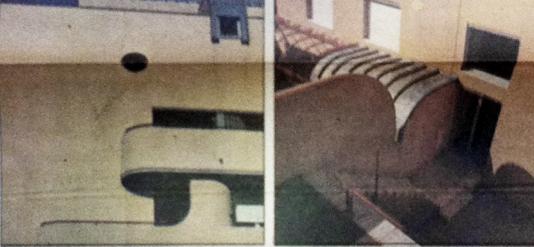
Histórias de empreitadas

Quanto a Lino Pimentel, há que falar também de outros aspectos que, não tendo directamente a ver com a construção, passam pela manobra como são adjudicadas as empreitadas, como são organizadas e geridas. «Combinamos com pessoas que pagaram 10 mil contos por habitações que lhes deviam ter sido entregues em Abril de 1985 e, um ano depois, continuam a esperar — conta Lino Pimentel — há uma deficiência de gestão e de fiscalização e os custos se compadecem com isso, sobretudo, quando a EPUL, não sei se bem se vai, tem de recorrer ao crédito da Banca. Não podemos esquecer que o dinheiro é caríssimo».

(Continua na pag. 34-R)

33-R

«O alvo simbólico da cruzada — quando Abecasis ataca a arquitectura e os seus técnicos, sabe que o pode fazer na quase total impunidade», segundo Gonçalo Byrne



Estados. Parece que o presidente da CML compreende o Restelo assim, quando, na minha opinião esta zona é o «quinto diabo». É precisamente o «não enfeitamento», mas a criação de um quadro de vida que possa privilegiar a vida das ruas, a vivência no quarteirão, no bairro, no desmetimento da vida das casas. Isto não é uma «brincadeira arquitectónica» e muito menos um «votamento», como poderíamos falar das Amoreiras ou de outras edificações.

Ainda sobre as recentes declarações do novo presidente da EPUL, Lino Pimentel parece estar a ser induzido em erro, sobretudo pelo «tom de café» com que foram proferidas. «Quando o engenheiro Abecasis diz que pretende corrigir erros da política da EPUL, acho isso positivo. O que me tira a pensar em conversa de café é que ele declara que vai corrigir, alterar, etc., mas não fala da maneira como o vai fazer. Fala de erros, de vícios, de burocracia instalada na empresa, mas tudo isto de

uma forma superficial. Produz uma série de declarações suprepensadas, sobretudo para uma pessoa de formação universitária, de quem se espera uma visão mais séria e mais global». E Diego Lino Pimentel remata com uma ambiguidade: «Creio que isto não corresponde exactamente àquilo que o engenheiro Abecasis pensa».

Afinal já havia outro plano

De forma mais directa fala Nuno Teotónio Pereira, um dos arquitectos responsáveis (a convite da EPUL) pelo plano do Restelo, iniciado nos primeiros anos da década de 70. «Quando o presidente Abecasis vem para os jornais dizer que não se fazem mais edifícios tipo Restelo», aparenta desconhecer que em 1984 a administração da EPUL já havia decidido que o plano inicial, com 14 anos, não correspondia à situação do mercado actual. Aparenta igualmente desco-

nhecer que estamos a trabalhar há dois anos nestes novos projectos já aprovados pela EPUL, e feitos em colaboração com uma empresa Promotora imobiliária (a nova política da EPUL) e agora essa, abre a colaboração com a iniciativa privada, até por questões de capital, facilidade de financiamento, etc.). Portanto, esta empresa, que está interessada em investir naquela zona, proceda e estude de mercado e os projectos actuais são feitos tendo em conta esses estudos. Julgamos, bem como a referida empresa e a anterior direcção da EPUL, que estes novos fogos correspondem às condições do mercado actual».

Entretanto, não deixa de ser estranho que obras iniciadas em 1972 ainda estejam por concluir. Pedro Botelho, um dos arquitectos da equipa de Teotónio Pereira, declara: «O atelier tinha prontos, em 1975, todos os projectos para construir em toda a zona do Restelo. O que me parece é que, nessa altura, houve uma precipitação por parte dos re-

295. Notícia da decisão de Nuno Abecasis de acumular a presidência da Câmara de Lisboa com a presidência da EPUL, declarando guerra às «brincadeiras arquitectónicas» e aos «edifícios tipo Restelo», com imagens do quarteirão da Zona Piloto do Restelo, de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e João Paciência (*O Expresso*, suplemento *Actual*, 17-5-1986, recorte mantido na pasta PT NTP-TXT 00735-7 do SIPA/IHRU, Forte de Sacavém, relativa ao espólio do atelier da Rua da Alegria)

Telheiras - uma urbanização traída

Telheiras foi a promessa de uma urbanização exemplar, um bairro globalmente concebido como uma unidade coerente, um modelo integrado de qualidade de vida no interior de uma célula preservada de operações especulativas. Também uma intervenção municipal para oferta de habitação ao alcance da classe média. A prática tem desmentido os propósitos iniciais

O regime democrático do pós-25 de Abril arrinca-se a indagar os mecanismos de melhoria da sua organização, em Telheiras, transferir alguns dos critérios da teoria urbana do alojamento para os níveis globais da habitação. Os custos das infra-estruturas e dos equipamentos colectivos poderiam então ser agregados a uma única entidade, o município, para o seu pagamento e para a sua manutenção.

Com o plano de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

O projecto de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

Um dos problemas centrais que se procurava resolver em Telheiras foi o espaço verde, que não impedia que uma urbanização fosse construída em terrenos que não eram ocupados por construções antigas e de baixa qualidade de construção.



Ao princípio era uma arquitectura premiada com o Valmor...



...agora é o caixote

Em 1980, a urbanização de Telheiras foi considerada um modelo de qualidade de vida. O plano de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

Um dos problemas centrais que se procurava resolver em Telheiras foi o espaço verde, que não impedia que uma urbanização fosse construída em terrenos que não eram ocupados por construções antigas e de baixa qualidade de construção.

Em 1980, a urbanização de Telheiras foi considerada um modelo de qualidade de vida. O plano de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

Um dos problemas centrais que se procurava resolver em Telheiras foi o espaço verde, que não impedia que uma urbanização fosse construída em terrenos que não eram ocupados por construções antigas e de baixa qualidade de construção.

Em 1980, a urbanização de Telheiras foi considerada um modelo de qualidade de vida. O plano de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

Um dos problemas centrais que se procurava resolver em Telheiras foi o espaço verde, que não impedia que uma urbanização fosse construída em terrenos que não eram ocupados por construções antigas e de baixa qualidade de construção.

Em 1980, a urbanização de Telheiras foi considerada um modelo de qualidade de vida. O plano de urbanização de Telheiras, embora com o apoio de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristiano e Raúl Lino.

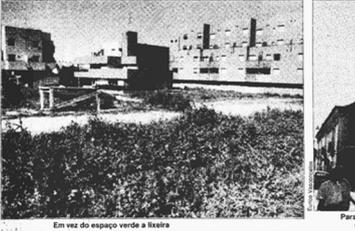
Um dos problemas centrais que se procurava resolver em Telheiras foi o espaço verde, que não impedia que uma urbanização fosse construída em terrenos que não eram ocupados por construções antigas e de baixa qualidade de construção.



Alio da Fala - o estilo J. Pimenta



O arq. Vieira de Almeida revisita com algum descontento o bairro que concebeu



Em vez do espaço verde a lixeira



Para quando a recuperação de Telheiras volta?



Adelino Cardoso



296. Reportagem de Adelino Cardoso sobre Telheiras, com depoimentos de Michel Toussaint e de Pedro Vieira de Almeida, que acompanha o repórter ao bairro ainda incompleto (na fotografia: em baixo, 2ª a contar da esquerda); PVA diria que «os edifícios são cada vez mais pensados como objectos isolados e, alguns, de qualidade duvidosa» (O Diário de Lisboa, 3-5-1990)

297. Maqueta de Telheiras na capa da revista Arquitectura nº 137, de Julho / Agosto de 1980

ILUSTRAÇÕES

1. *Hogar y Arquitectura* n° 68, Biblioteca ETSAB
2. Fotografia do autor
3. 4. Hemeroteca Nacional
5. Universidade do Porto, Repositório Aberto
6. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
7. SIPA/IHRU: www.monumentos.pt
8. ?
9. *Zodiac* n° 14, Biblioteca COAC
10. *Portas. A Habitação Social... Vol. II.* Porto, Ed. Faup, 2004
11. *Casabella* n° 225, Biblioteca COAC
12. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
13. *Arquitectura* n° 64, Biblioteca COAC
14. Universidade do Porto, Repositório Aberto
15. ?
16. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
17. ?
18. *Arquitectura* n° 81, Biblioteca COAC
19. *Arquitectura e Cidadania.* Lisboa, Quimera Editores, 2004
20. *Architectural Design,* Biblioteca COAC
21. 22. *Hogar y Arquitectura* n° 62, Biblioteca ETSAB
23. Nunes. *À Escala Humana...* Lisboa, Direcção Municipal da Cultura, 2007
24. Diagrama do autor
25. Nunes. *À Escala Humana...* Lisboa, Direcção Municipal da Cultura, 2007
26. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.TXT.00473
27. Raposo. *Canto de Intervenção: 1960-1974.* Lisboa, Público, 2005
28. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)
29. 30. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
31. Gibberd. *Diseño de Núcleos Urbanos. Escenología y Plástica.* Buenos Aires, Contemporanea, 1956 / Zevi. *Saber ver la arquitectura.* Buenos Aires, Poseidon Editora, 1971
32. ?
33. www.theartgallery.com.au
34. *L'Architettura. Croniche e Storia* n° 45, Biblioteca ETSAB
35. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
36. Giedion. *Espacio, tiempo y arquitectura.* Barcelona, Reverté, 2009.
37. Martienssen. *La idea de espacio en la arquitectura griega.* Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1977
38. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
39. *Louis I. Kahn.* A+U, 1975
40. *Architectural Forum,* 1959, Biblioteca COAC
41. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
42. Martienssen. *La idea de espacio en la arquitectura griega.* Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1977
43. *Architectural Review* n° 783, Biblioteca ETSAB
44. Rowe. *The Mathematics of the Ideal Villa and Other Essays.* Cambridge, MIT Press, 1976
45. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
46. Tostões. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50.* Porto, Faup Publicações, 1997
47. 48. SIPA/ IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.TXT.00428
49. *Arquitectura* n° 79, Biblioteca COAC
50. *Arquitectura e Cidadania.* Lisboa, Quimera Editores, 2004
51. Diagramas do autor
52. *Arquitectura* n° 79, Biblioteca COAC
53. Fotografias do autor, 2013
54. *L'Architettura. Croniche e Storia* n° 2, Biblioteca ETSAB
55. *Portas. A Habitação Social... Vol. II.* Porto, Ed. Faup, 2004
56. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
57. Universidade do Porto, Repositório Aberto
58. Strauven; Ligtelijn (eds.) *Aldo Van Eyck: Writings. The child, the city and the artist.* Amsterdam, Sun, 2008
59. Strauven. *Aldo van Eyck. The Shape of Relativity.* Amsterdam, Architectura & Natura, 1998
60. *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª edição, 1988 (Vol. 3)
61. *Arquitectura* n° 73, Biblioteca COAC
62. Arquivo Nuno Portas
63. *Casabella* n° 223, Biblioteca COAC
64. *Casabella* n° 215, Biblioteca COAC
65. Arquivo Fotográfico da CML
66. Fotografia do autor, 2013
67. Tostões; Grande. *Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas.* Vila do Conde, Verso da História, 2013
68. 69. Smithson. *Urban Structuring.* Londres, Studio Vista / New York, Reinhold Pub., 1967
70. Joedicke. *Candilis-Josic-Woods: a decade of architecture and urban design.* Estugarda, Karel Kramer Verlag, 1968
71. *Arquitectura* n° 64, Biblioteca COAC
72. *Arquitectura* n° 61, Biblioteca COAC
73. Biblioteca de Arte Fundação Calouste Gulbenkian [CFT164.044136.ic]
- 74-77. Biblioteca LNEC
78. 79. www.analisesocial.ics.ul.pt
80. Biblioteca Nacional de Portugal
81. Alexander; Chermayeff. *Comunidad y Privacidad.* Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1968
82. Biblioteca LNEC
83. *Cahiers du Centre Scientifique et Technique du Batiment* n° 86, 1967, Biblioteca ETSAB / Biblioteca LNEC
84. Biblioteca LNEC

85. Biblioteca COAC
86. Biblioteca LNEC
87. Maldonado; Borges. *Vitor Figueiredo...* Porto, Circo de ideias, 2015
88. 89. Biblioteca LNEC
90. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, pasta SBA 1205
91. Alexander. *Notes on the Synthesis of Form*. Harvard Univ. Press, Cambridge, Massachusetts, 1973
92. 93. Biblioteca LNEC
94. *L'Architettura. Croniche e Storia* n° 105, Biblioteca ETSAB
95. 96. Journal Storage (www.jstor.org)
97. *Architectural Review* n° 687, Biblioteca ETSAB
98. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
99. 100. Biblioteca LNEC
101. *Cuadernos Summa* n° 29, Biblioteca ETSAV
102. Biblioteca LNEC
103. *Informes de la Construcción* n° 19, Biblioteca ETSAV
104. *Colóquio Artes e Letras* n° 29, Biblioteca FCG
105. *Arquitectura* n° 60, Biblioteca COAC
106. Biblioteca Nacional de Portugal
107. *Colóquio Artes e Letras* n° 35, Biblioteca FCG
108. SIPA/ IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.TXT.00431
109. *Arquitectura e Cidadania*. Lisboa, Quimera Editores, 2004
110. Diagrama do autor
111. 112. *Bauen+Wohnen* n° 11, Biblioteca ETSAB
113. *Arquitectura* n° 123, Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral
114. *Casabella* n° 238, Biblioteca COAC
115. *Arquitectura e Cidadania*. Lisboa, Quimera Editores, 2004
116. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.DES.14024
117. Smith. *The New Churches of Europe*. Londres, The Architectural Press, 1964.
118. 119. *Arquitectura* n° 123, Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral
120. Fotografias do autor, 2016
121. Biblioteca Nacional de Portugal
122. Atelier Nuno Teotónio Pereira
123. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.TXT.00439
124. 125. *Arquitectura* n° 84, Biblioteca COAC
126. Diagrama do autor
127. 128. Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (2014)
129. *Ora et Labora* n° 1, Biblioteca FCG
- 130-132. Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (2014)
133. Strauven. *Aldo van Eyck. The Shape of Relativity*. Amsterdam, Architectura & Natura, 1998 [imagem editada]
134. Google
135. 136. Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (2014)
137. www.wikiart.org
138. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
139. *Arquitectura* n° 68, Biblioteca COAC
140. *Hogar y Arquitectura* n° 42, Biblioteca ETSAV
- 141-143. *Hogar y Arquitectura* n° 68, Biblioteca ETSAV
144. *Arquitectura* n° 98, Biblioteca COAC
145. *Arquitectura* n° 107, Biblioteca COAC
146. 147. *Summa* n° 20, Biblioteca ETSAV
148. *Cuadernos Summa* n° 49, Biblioteca ETSAV
149. *Triunfo* n° 416 (www.triunfodigital.com)
150. *Controspazio* n° 9, Biblioteca ETSAV
151. *L'Architecture d'Aujourd'Hui* n° 185, Biblioteca COAC
152. *Jornal de Letras e Artes* n° 258, Hemeroteca Nacional
153. Biblioteca Nacional de Portugal
154. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
155. Biblioteca Nacional de Portugal
156. *Architectural Review* n° 783, Biblioteca ETSAB
- 157-159. *Hogar y Arquitectura* n° 68, Biblioteca ETSAV
160. *Arquitectura* n° 96, Biblioteca COAC
161. *Arquitectura* n° 126, Biblioteca COAC
162. Biblioteca Nacional de Portugal
163. Cortesia de Joana Stichini Vilela
164. Biblioteca FCG
165. Biblioteca ETSAB
166. FCG, SBA, pasta 00848 (Nuno Portas)
167. 168. Biblioteca Nacional de Portugal
169. FCG, SBA, pasta 00848 (Nuno Portas)
170. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cortesia de Nuno Correia)
171. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
172. Foto Estúdio Mário Novais, Biblioteca de Arte FCG
173. Zevi. *História da arquitectura moderna*. Lisboa, Arcádia, 1970/79
174. FCG, SBA, pasta 00848 (Nuno Portas)
175. Zevi. *História da arquitectura moderna*. Lisboa, Arcádia, 1970/79
176. *Summa* n° 20, Biblioteca ETSAV
177. FCG, SBA, pasta 00848 (Nuno Portas)
178. Biblioteca FCG
179. www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt
180. FCG, SBA, pasta 00848 (Nuno Portas)
181. Biblioteca Nacional de Portugal
182. *Raul Lino. Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa, FCG, 1970
183. Hemeroteca Nacional
184. Biblioteca FCG
185. *Raul Lino. Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa, FCG, 1970
186. Lino, Raul. *A Nossa Casa*. Lisboa, Ed. Atlântica
187. *Raul Lino. Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa, FCG, 1970
188. 189. Lino, Raul. *A Nossa Casa*. Lisboa, Ed. Atlântica

190. *Raul Lino. Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa, FCG, 1970
191. www.imdb.com
192. Belo. *Portugal, Luz e Sombra*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.
193. *Raul Lino. Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa, FCG, 1970
194. www.ruimoraisdesousa.blogspot.com.es | © Rui Morais de Sousa
195. *Arquitectura Moderna em Portugal*. Lisboa, Edições Alfa, 1986
196. *Jornal dos Arquitectos*, nº 239 | © Mário de Oliveira
197. 198. *Colóquio Artes e Letras*, nº 61 (Arquivo Pedro Vieira de Almeida)
199. *Hogar y Arquitectura*, nº 62 / Lino. *A Nossa Casa* [editado pelo autor]
200. *Racionalização de soluções da habitação*, LNEC / Lino. *A Nossa Casa* [editado pelo autor]
201. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 936
202. LNEC, Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais
203. Biblioteca COAC
204. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
205. Hemeroteca Nacional
206. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém, Arquivo Nuno Teotónio Pereira, PT NTP.TXT.00313
207. *CIAM'59 in Otterlo...* Londres, Alec Tiranti, Ltd., 1961
208. *Thoughts about architecture by J. B. Bakema*. London, Academy, 1981
209. LNEC, Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais
210. Biblioteca ETSAV
211. www.upcommons.upc.edu
212. FCG
213. FCG, pasta GVA 3011
214. Arquivo Oriol Bohigas
215. LNEC, Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais
216. *Arquitectura, historia y teoría de los signos. El Symposium de Castelldefels*. Barcelona, La Gaya Ciencia, 1974
217. 218. *Bairro(s) do Restelo. Panorama urbanístico e arquitectónico*. Lisboa, Caleidoscópico, 2015
219. *Arquitectura e Cidadania*. Lisboa, Quimera Editores, 2004
220. 221. *Arquitectura* nº 130
222. *Collage City*. Cambridge (Mass.), The M.I.T. Press, 1978
223. *Urban space and structures*. Cambridge, University Press, 1972
224. 225. *Arquitectura* nº 130, Biblioteca OA [editado pelo autor]
226. Fotografia do autor, 2015
227. *Arquitectura e Cidadania*. Lisboa, Quimera Editores, 2004
228. *Gregotti Associati*. Milano, Electa, 1990
229. *Arquitectura e Cidadania*. Lisboa, Quimera Editores, 2004
230. Google
231. FCG
232. *Arquitectura* nº 139, Biblioteca OA
233. *Arquitectura* nº 113, Biblioteca COAC
234. *Arquitectura* nº 139, Biblioteca OA
235. *Arquitectura moderna y turismo, 1925-1965. Actas Cuarto Seminario DOCOMOMO Ibérico*. Barcelona, 2004
236. 237. Arquivo Pedro Vieira de Almeida (Baptista. *Arquitectura em concurso*. Porto, Dafne, 2016)
238. Arquivo Fotográfico da CML
- 239-242. Arquivo Municipal de Lisboa
243. Google
244. Biblioteca ETSAV
245. Biblioteca ETSAB
246. ?
247. Biblioteca ETSAV
248. In Portas; Freitas Leal. *Aspectos sociais do habitat*. LNEC, 1959 (documento dactilografado, não encadernado)
- 249-253. Espólio Nuno Teotónio Pereira, LNEC
- 254-258. Arquivo Oriol Bohigas, Barcelona
259. 260. Espólio Nuno Teotónio Pereira, LNEC
261. 262. Biblioteca Nacional de Portugal
- 263-265. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
266. FCG, SBA, Pasta SBA.0808
- 267-269. Biblioteca geral LNEC
270. 271. Arquivo Oriol Bohigas, Barcelona
272. Biblioteca geral LNEC
273. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém
274. Biblioteca ETSAB
275. Arquivo Oriol Bohigas, Barcelona
276. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém
277. Arquivo Pedro Vieira de Almeida
- 278-281. FCG, SBA, Pastas SBA.1205 1272
282. Cortesia de João Afonso
283. Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (2014)
284. Arquivo Oriol Bohigas, Barcelona
285. 286. Biblioteca Nacional de Portugal
287. Arquivo Oriol Bohigas, Barcelona
288. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
289. Biblioteca Nacional de Portugal
290. Biblioteca ETSAV
291. 292. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
293. Biblioteca ETSAV
294. Hemeroteca Nacional
295. SIPA/IHRU, Forte de Sacavém
296. Fundação Mário Soares (www.fmsoares.pt)
297. Biblioteca OA

ACRÓNIMOS

AICA	Associação Internacional de Críticos de Arte
CESC	Centro de Estudos Sociais e Corporativos
CIAM	Congresso Internacional de Arquitectura Moderna
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CMP	Câmara Municipal do Porto
CNRS	<i>Centre National de la Recherche Scientifique</i>
CODA	Concurso para Obtenção do Diploma em Arquitectura
EGAP	Exposições Gerais de Artes Plásticas
EPUL	Empresa Pública de Urbanização de Lisboa
ESBAL	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
ETSAB	<i>Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona</i>
ETSAV	<i>Escola Tècnica Superior d'Arquitectura del Vallès</i>
DGSU	Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
FCP	Federação das Caixas de Previdência
GAAL	Grupo de Acompanhamento da Avenida da Liberdade
GAT	Grupo de Apoio Técnico
GCEH	Grupo de Coordenação dos Estudos da Habitação
GEU	Gabinete de Estudos Urbanos
GRIMU	Grupo de Intervenção no Meio Urbano
GTH	Gabinete Técnico da Habitação
ICAT	Iniciativas Culturais Arte e Técnica
JUC	Juventude Universitária Católica
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil
LUB	<i>Laboratorio de Urbanismo de Barcelona</i>
MCPS	Ministério das Corporações e Previdência Social
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
MOP	Ministério das Obras Públicas
MRAR	Movimento de Renovação da Arte Religiosa
ONU	Organização das Nações Unidas
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
SAAL	Serviço de Apoio Ambulatório Local
SAR	<i>Stichting Architecten Research</i>
SNA	Sindicato Nacional dos Arquitectos
SNBA	Sociedade Nacional de Belas Artes
SNIP	Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado
UIA	União Internacional dos Arquitectos
ZEN	<i>Zona Espansione Nord</i>
ZUP	<i>Zone à Urbaniser en Priorité</i>